

ALEXANDRE VIEIRA
(OPERÁRIO GRÁFICO)

DELEGACIA
A UM CONGRESSO
SINDICAL



LISBOA

1960

JUSTIFICAÇÃO DA PRESENTE BROCHURA

Em fins de Fevereiro de 1928 foi o extinto Sindicato dos Compositores Tipográficos de Lisboa, que ao tempo tinha a sua sede na Rua do Ataíde, convidado a enviar um delegado ao IV Congresso da Internacional Sindical Vermelha, que devia iniciar as suas reuniões em Moscóvia, no mês seguinte.

Como o meu antigo agrupamento profissional se mantivesse em posição de independência em face das Internacionais operárias então existentes, posição que defendi e justifiquei com vivacidade em mais de uma ocasião, é óbvio que, como ele não fosse aderente à I. S. V., ao ser-lhe dirigido aquele convite considerava-se que o seu representante iria à Rússia na qualidade de «delegado fraternal» ⁽¹⁾.

⁽¹⁾ Era o qualificativo que se dava aos representantes dos organismos sindicais não aderentes, isto é, que assistiam como observadores.

Conhecedores de tal convite, vários colegas, por um lado, e, por outro, alguns camaradas estranhos ao agrupamento profissional a que eu pertencia, e com cuja simpatia contava, persuadidos de que o meu nome viria, possivelmente, a ser indigitado para o efeito, insistiram comigo para que, na hipótese afirmativa, aceitasse a delegacia, ideia que a princípio me não sorriu, por mais dum motivo, mas que depois, se não me entusiasmou excessivamente, não encontrou da minha parte forte opposição, para o que contribuiu o facto de me ter sido assegurado que os delegados, nas sessões do aludido Congresso, se exprimiriam na própria língua, ao contrário do que sucedia noutras reuniões internacionais do mesmo género, e bem assim que os discursos eram traduzidos e lidos em plena reunião.

Exactamente porque a norma não era essa é que, em 1918, quando a Confederação

Geral do Trabalho francesa pedira à União Operária Nacional para nomear delegados ao Congresso Sindicalista de Amesterdão e eu, então seu secretário-geral, fora para esse efeito indicado pelo conselho central, opusera resistência a tal nomeação, assim como viria a fazer o mesmo em 1925, ao ser escolhido, pelo comité confederal da C. G. T., para representar a Central de Sindicatos no congresso que a Associação Internacional dos Trabalhadores realizou na capital da Holanda, no mês de Março do mesmo ano, não obstante nessa época eu não ser delegado à C. G. T.

* * *

Efectivamente, em reunião da Direcção do Sindicato dos Compositores foi o meu nome votado por unanimidade, tendo eu aquiescido à nomeação, se bem que um

tanto contrariado, por se ter dado a coincidência de, precisamente no dia fixado para a partida, dever iniciar-se a mudança da tipografia da « Seara Nova » — tipografia que eu montara e de que era uma espécie de chefe — da Travessa de André Valente para a Rua Nova do Loureiro, não obstante o Sr. Dr. Câmara Reis, director-gerente daquela empresa, com a amabilidade que o caracteriza, me ter dado todas as facilidades para a minha deslocação.

Devo ajuntar que, além do meu Sindicato, dois outros organismos operários que estavam em condições idênticas, isto é, que não eram igualmente aderentes, foram convidados para o mesmo efeito: a Federação da Construção Civil e o Sindicato Ferroviário da Companhia Portuguesa dos Caminhos de Ferro, dos quais apenas o segundo nomeou um representante (o falecido confrade Gambeta das Neves), tendo-me sido

dito que à F. C. C. não fora possível fazer a nomeação, atendendo à urgência que havia na partida dos representantes dos organismos operários.

*
* *
*

Para os meus colegas, isto é, para os profissionais gráficos, é a presente brochura como que o relatório do delegado que o extinto Sindicato dos Compositores Tipográficos de Lisboa (de boa memória) enviou ao Congresso da I. S. V. (1).

(1) Quando regresssei a Lisboa, depois de ter sido forçado a permanecer em França durante cinco anos, fiz aos colegas que então constituíam a Direcção do meu antigo Sindicato — que poucos meses volvidos era extinto — uma exposição verbal sobre a delegacia em referência. Perante esses confrades (três dos quais são ainda vivos e mantêm a ideologia dos tempos heróicos) tomei o compromisso de dar conhecimento à classe, na primeira oportunidade, por meio duma brochura, do encargo que me fora cometido em 1928.

Como não foi por culpa minha que tal oportunidade não chegou mais cedo, suponho estar absolvido...

Para os leitores que não pertencem à minha grei profissional não passa duma despreziosa reportagem, que nada conta de novo, antes tem jeitos de cediça. Apesar disso, por reflectir as impressões colhidas por um operário que há 32 anos passou por terras russas, talvez ofereça, sob um ou outro aspecto, algum interesse, pelo menos o de possibilitar confrontos com o que ora ocorre por aquelas longínquas paragens, do mesmo passo que é mais uma achega para a História do Movimento Operário Português.

ALEXANDRE VIEIRA

DE LISBOA A PARIS

EM 4 de Março, depois de obtido o passaporte para França, sem grandes dificuldades, ao contrário do que eu esperava, tanto mais que não havia muito que tivera, na Biblioteca Nacional, ruidoso conflito com o Dr. Fidelino de Figueiredo, partia, na companhia do representante do Sindicato dos Ferroviários da C. P., em direcção a Paris, cidade onde deveríamos encontrar-nos com mais três delegados portugueses, estes últimos representantes de organismos aderentes à I. S. V.

No compartimento da carruagem de 2.^a classe em que seguíamos foram nossos companheiros de viagem, até ao termo desta, quatro pessoas: dois cavalheiros, que também se dirigiam a Paris e que a breve trecho viemos a saber que eram comerciantes — e comerciantes viajados, pois não só conheciam a França como a Espanha, a Itália e a Alemanha —, e duas jovens senhoras, que nos pareceram Francesas, porque, sentadas *vis-à-vis*, numa das extremidades do compartimento, se exprimiram, durante o longo percurso, na língua do grande Anatole.

Estabelecido franco convívio entre nós e os dois comerciantes, mostraram-se estes não só

excelentes companheiros, mas também ótimos cicerones. Assim, foram-nos indicando, depois da fronteira portuguesa, os locais mais aprazíveis por onde passava o comboio e, quando nos aproximávamos dos Baixos-Pirenéus, fizeram-nos uma sugestão, que retivemos: a de que suspendêssemos a viagem em Hendaya para, em automóvel ou em autocarro, efectuarmos o belo circuito constituído por Bayonne, Biarritz e Saint-Jean-de-Luz e ainda a excelente cidade espanhola de San Sebastián, que fica cerca, tanto mais que umas horas depois poderíamos tomar um outro comboio que nos conduziria a Paris.

E tão longe levaram a sua gentileza que, não obstante terem necessidade de ganhar a capital francesa o mais rapidamente possível, prontificaram-se a acompanhar-nos naquela digressão, o que importava também para eles a perda do comboio em que marchávamos.

*
* *

Depois de opíparo almoço num bom restaurante de Bayonne, seguido duma aprazível volta por aquela cidade e os lindos sítios supracitados, regressámos à gare de Hendaya, onde tomámos um segundo comboio.

Não foi sem surpresa que, ao acomodarmo-nos no novo compartimento, vimos entrar as duas damas em cuja companhia partíramos de Lisboa, as quais, depois dum *pardon, messieurs*, bem à

francesa, nos pediram permissão — logo concedida, é claro — para utilizar lugares idênticos aos anteriores.

Também, ao que parece, haviam feito *promenade* semelhante à que acabávamos de efectuar.

Pouco depois do *rápido* ter iniciado a sua rota, caía a noite. E como só às primeiras horas da manhã seguinte chegaríamos ao destino, e então já não pudesse admirar-se a paisagem, nem tão-pouco houvesse sono, conversou-se durante longas horas.

A princípio foi a narração, feita pelos dois comerciantes, de várias peripécias que lhes haviam sucedido por terras da estranha, e, depois, vieram as anedotas, de que os loquazes companheiros possuíam nutrido repertório, algumas delas apimentadíssimas...

Porém, no domínio das histórias, foram ultrapassados pelo meu camarada Gambeta ⁽¹⁾, que não só dizia com muita graça, mas que tinha *stock* avultado. E ia até mais longe o meu saudoso amigo, pois algumas das suas anedotas —

(1) Gambeta das Neves era, ao tempo em que empreendemos a viagem, funcionário nos escritórios da C. P. e um dos mais inteligentes militantes do Sindicato do pessoal da mesma companhia, tendo publicado, após o seu regresso da Rússia, uma curiosa brochura: *O Licor Vermelho*. Foi demitido alguns anos depois, sob o pretexto de que era elemento indesejável, conforme sucedera anteriormente a Manuel Ribeiro, de quem fora colega e amigo.

Tendo-se inscrito, posteriormente, na qualidade de desempregado, no Comissariado do Desemprego, foi cha-

disse-mo depois, e não o pus em dúvida — construiu-as, de todas as peças, na ocasião, com a particularidade de serem, quase todas, assaz brejeiras.

Eu, como autêntico *brejúncio*⁽¹⁾ — que o mesmo é dizer um tipo sensaborão —, sem episódios chistosos para narrar e muito menos sem veia para os inventar, nalguma coisa havia de ser forte: no rir desaustinado. E era talvez devido às minhas

mado, alguns meses volvidos, para prestar serviços nos escritórios do mesmo Commissariado, onde se manteve até 1953.

Porém, havendo atingido então 70 anos de idade, foram-lhe dispensados os serviços, isto é, reformaram-no com a mensalidade de 230 escudos!

Não tendo maneira de manter-se dignamente, e à esposa, com tão irrisório vencimento, despediu-se, certo dia, dos amigos mais chegados, aos quais disse que ia ocupar um lugar noutra terra, tendo-me informado um daqueles de que igualmente me procurara para o mesmo efeito em ocasião em que me encontrava fora de Lisboa, em férias. Ao regressar fui inteirado de que metera uma bala na cabeça, num sítio ermo de Lisboa.

(1) *Brejúncio* é um rebarbativo neologismo inventado por um engraçadíssimo confrade, já falecido, quando ambos trabalhávamos no extinto diário republicano *O Mundo*. Com tal vocábulo alcunhou um terceiro colega, que também ali exercia a profissão, autêntico tringalhadaças — tringalhadaças na figura, nos conceitos, na indumentária e até no modo de alimentar-se. Serviu-se o primeiro, mais tarde, do arvesado termo para título dum minúsculo jornal, que dirigiu com muita graça e que era o porta-voz dum grupo excursionista que realizou agradáveis passeios, antecessor dum outro grupo do mesmo género que existe actualmente, também com nome arvesado — *Os Repatanas*.

sonoras gargalhadas que as duas estrangeiras, que se mantinham *vis-à-vis* ao fundo do compartimento, por vezes se riam também com vontade.

Arribados, enfim, à estação do Quai d'Orsay — era nessa estação que há 32 anos se apeavam os passageiros que partiam de Portugal —, isto é, ao pormos pé na grande gare da *Ville-Lumière*, notámos que as duas damas eram aguardadas por três cavalheiros, no que nada havia de extraordinário. Porém — e aqui é que o caso muda de figura, leitores — ao dirigirem-se, cheias de compreensivo alvoroço, ao encontro dos cavalheiros, elas e eles (*tableau!*) trocaram as mais amistosas saudações — em português, isto é, precisamente na língua em que haviam sido contadas as ultrabrejeiras anedotas durante a noite!...

Atordoados com o que víamos, ganhámos pressurosamente o *escalier tournant*, que, num minuto, nos conduziu à parte superior da gare, enquanto o quinteto misto ria ruidosamente, certamente considerando que o quarteto masculino era constituído por autênticos *anjinhos*...

PRIMEIROS CONTACTOS
COM A «VILLE-LUMIÈRE»

ESTAVA deveras brumosa a manhã do dia em que chegáramos a Paris. Porém, o aspecto tristonho que a cidade oferecia àquela hora matinal não era para admirar, pois achávamo-nos em pleno Inverno, e por essa época faz-se sentir ali, muito mais do que em Portugal, o rigor da estação.

Basta a tornar esta sobremaneira áspera o contumaz tombar da neve, o que, por vezes, ocorre durante dias consecutivos, ao contrário do que sucede na capital portuguesa, onde se considera acontecimento excepcional a queda, durante algumas horas, de flocos congelados, espectáculo que até então eu não tinha presenciado em Lisboa, nem tão-pouco na agreste região do norte do país onde fui criado — o Minho — e que sòmente havia observado na Guarda, quando lá fora forçado a permanecer durante seis meses, por motivo de doença.

Foi talvez devido à circunstância de o dia se ter apresentado triste, e também ao facto de haver-mos tomado o táxi às primeiras horas da manhã

(em que o movimento de peões e de viaturas, nas artérias de Paris, é insignificante), que o aspecto das ruas que vão do Quai d'Orsay ao hotel da Rue de Lancry, onde nos hospedáramos, não se me afigurou extraordinário, pelo que não recebi a impressão de alvoroço com que contava, e daí a razão por que, intimamente, me inclinava a achar plausível a afirmativa dum camarada português que pouco antes passara pela capital francesa e me assegurara que, contra a opinião corrente, a *Ville-Lumière* não valia mais do que Lisboa...

Posteriormente, quando, pela força das circunstâncias, seria forçado a deter-me, por espaço de cinco anos, em Paris, viria a modificar tal opinião, não pròpriamente porque o aspecto exterior da grande cidade tivesse exercido impressão avassaladora no meu espírito, mas por virtude do que o seu âmagô patenteia de empolgante ao observador que não se limita a encaminhar seus passos em direcção aos locais mais procurados pelos turistas, que muitos são, aliás.

É que a *Ville-Lumière* é inultrapassável não só nos domínios da Arte, mas igualmente no das outras actividades que animam esse formidável laboratório, e em extensão tão ampla que é difícil, mesmo aos esquadrihadores mais precatados e perseverantes, não marcarem falta a muitos dos lugares a que o público tem acesso, inclusivamente os estrangeiros que por ali permanecem anos.

*
* *

Feitas as indispensáveis abluções e tomado o *petit déjeuner*, fui, com os outros delegados portugueses, de longada à sede da Confederação Geral do Trabalho Unitária, na Rue Grange-aux-Belles, edifício em cujos flancos têm ribombado os mais viris anátemas contra o mundo capitalista, desferidos por centenas e centenas de propagandistas sindicais, anátemas secundados por legiões de trabalhadores, em inumeráveis reuniões ali efectuadas.

O primeiro contacto com os camaradas franceses, que eu, carregado de ilusões como ia, supunha acolhedores, verdadeiramente gentis, não me deixou impressão agradável, a despeito do militante com quem tratámos — e que, anos volvidos, viria a ser esfacelado nas trincheiras, com muitíssimos companheiros —, ser dos mais afáveis que conheci em terras de França.

Do ponto de vista colectivo, aprecio deveras o operariado francês, que, tanto no passado como ao presente, se tem sabido bater com decisão e pertinácia pelos seus direitos, dando até por vezes a impressão de que abusa da arma representada pela greve, exactamente como em Portugal se fez noutros tempos.

Individualmente, porém, que diferença entre o modo acolhedor da nossa gente e a segura da maioria daqueles confrades! Em regra, quando o

interlocutor estrangeiro não pronuncia com toda a musicalidade a língua que eles falam, não fazem o menor esforço por entendê-lo, por compreenderem os seus dizeres, o que, além de denotar forte incongruência da sua parte, contribui para que o expositor, ante tal desatenção, enchendo-se de nervos, se exprima ainda mais confusamente. Foi o que sucedeu com o camarada que falou pelos Portugueses, caso que, também na minha presença, se repetiu mais tarde com o delegado dum organismo sindical de Espanha, que eu ali acompanhara.

E, não obstante, é intuitivo que uma central sindical, sobretudo quando está estreitamente relacionada com os agrupamentos similares de outros países, conforme sucedia com aquela, tem todo o interesse em que os homens que se encontram à sua frente, quando não conheçam línguas, forcem, pelo menos, por compreender o que lhes dizem os camaradas estrangeiros que os procuram.

Isto, porém, como já vimos, era o contrário do que ocorria no organismo sindical em referência, e não apenas nesse, visto que tive, mais tarde, ensejo de verificar facto idêntico noutros agrupamentos operários daquele país, cujos orientadores, na maioria, entendem que lhes basta saber a sua língua, o que é erro crasso.

O que valeu foi que, ao sairmos da C. G. T. U., nos pusemos em contacto com um confrade português que havia muito estava trabalhando em Paris (Perfeito de Carvalho), com o qual, depois

de almoçarmos, calcorreámos, durante muitas horas, uma boa parte da cidade, o que contribuiu para atenuar o nosso aborrecimento.

Estava, porém, escrito que não largaríamos da capital francesa com recordações apazíveis, e a contribuir para que assim sucedesse ocorreu a arrelia de, durante uma boa parte do passeio, e em sítio ermo, a chuva nos ter encharcado até à medula.

Só foi de admirar que tão desagradável duche não tivesse posto fora de acção qualquer dos passeantes, o que se deve, talvez, a dois antídotos decisivos: o de, por um lado, termos marchado incessantemente, durante muitas horas (as suficientes para enxugarmos a roupa no corpo) e, por outro lado, o de, sempre que lobrigávamos um *estaminet*, ingerirmos, a pé firme, uns copaziositos dalguma das escorregadias bebidas de que os Franceses (e as damas não menos que os *messieurs*) se servem como aperitivo e que, segundo concluímos por experiência própria, não são piores para evitar a traiçoeira gripe . . .

A manhã do dia seguinte passámo-la, quase toda, no consulado soviético, a tratar dos passaportes, e à tarde na sede da C. G. T. U., a fazer os preparativos para a grande viagem, que seria iniciada à noite.

*

* *

Nas idas e vindas dum para outro lado tive ensejo de apreciar a desenvoltura com que um dos nossos — o inconfundível Gambeta das Neves —

fazia a corte às raparigas com que topávamos no percurso, apesar de não estar mais desemburrado na língua francesa do que qualquer dos seus *compinchas*.

Assim, não obstante pouco mais saber dizer-lhes que o trivial *Ma chérie* — expressão que, quando pronunciada por uns lábiozinhos de mulher parisiense, tem uma musicalidade arrebatadora —, atrelava-se às francezinhas com todo o desembaraço. E o caso é que as parisienses lhe achavam chiste, dando-lhe, portanto, corda, pelo que se me arraigou a convicção de que, nos domínios do *flirt*, o linguajar não é a primeira condição para, em terra estrangeira, um homem escorreito fazer conquistas entre o chamado sexo frágil.

Tal impressão viria eu a reforçá-la mais tarde, quando, uma vez regressado da Rússia, tive de fixar-me em Paris.

Serviu a avolumá-la o que se passou com um meu amigo do Porto, ao tempo rapaz deveras simpático, que, cabeleireiro de profissão, e tendo necessidade de frequentar uma das escolas de *coiffure* existentes em Paris, com toda a presteza metera pés a caminho, apesar de não conhecer patavina da língua francesa...

Pois três dias após a sua chegada, com pasmo meu e de outros amigos comuns, vimo-lo surgir de braço dado com uma interessante parisiense! E ficámos com a impressão de que os dois se entendiam à maravilha...

Tive, dali a pouco, a explicação do fenómeno, isto é, do modo como aquele par de derriços havia iniciado o seu colóquio amoroso.

O meu amigo, se no linguajar não estava mais adiantado do que o nosso Gambeta, tinha a vantagem de conhecer o *bel-canto*, e, assim — embora isto pareça estranho —, servia-se da arte do divino Caruso para se corresponder ternamente com as francezinhas gentis!

Como possuísse uma agradável voz de tenorino (o que lhe valera ter sido solista num orfeão do Porto), enquanto, manhã cedo, fazia a barba, de janela aberta, no seu quarto, ia trauteando alegres canções portuguesas, e com tal graça que, ao ouvirem-no, as pequenas da vizinhança, curiosas como as raparigas de todas as latitudes, se debruçavam de suas janelas, mordidas pela ânsia de conhecerem o cantador. Deste modo passara, a breve trecho, a falar-lhes de amor... por meio de música.

Muito mais fácil, como estão vendo, a reciprocidade no linguajar entre Francesas e estrangeiros do que adrega suceder em relação aos homens de terras de França...

E que a clientela feminina do meu amigo era numerosa reconheceu-o a esposa, uns meses depois, quando, tendo dado, inopinadamente, uma saltada do Porto a Paris, para matar saudades, veio a descobrir, no fundo da mala de seu marido, um bom maço de cartas perfumadas, com assinaturas diversas, todas de mãos de damas, é claro.

Debalde tentou aquele convencer a esposa de que tais papéis eram simples «sebentas» com as lições de *coiffure*, mas o pior é que em todas elas

predominava a palavra «amour». E como tão terno vocábulo tem, nas línguas latinas, a mesma significação e quase idêntica grafia, a pobre senhora, não podendo conter a sua cólera, objectou-lhe, indignadíssima:

— Sebento és tu, meu valdevinos! (1).

(1) O meu amigo cantor — que, além de muito simpático, era rapaz de índole alegre — uma vez terminado o seu aperfeiçoamento nos domínios da técnica profissional, regressou ao Porto, sendo, na data em que traço as presentes linhas, sócio dum importante salão de cabeleireiro de senhoras.

E ficou a gostar tanto de Paris que lá vai todos os anos, a pôr-se em dia com a última moda da *coiffure*, e não sei se com mais alguma coisa...

III

DE PARIS A MOSCÓVIA

COMO os representantes da I. S. V. em Paris nos tivessem assegurado que, se nos demorássemos mais dias na capital francesa, nos arriscaríamos a chegar a Moscóvia já depois de ter principiado o IV Congresso da Internacional Sindical Vermelha, eu e os meus camaradas — éramos cinco os delegados portugueses, conforme já disse — não nos detivemos por mais tempo, pelo que, mau grado nosso, não pudemos deitar uma olhadela ao imponente Museu do Louvre, nem subir à Torre Eiffel, nem ir de longada aos teatros *Folies Bergères* e *Moulin Rouge*, nem dar uma saltada aos tão famosos *cabarets*, nem tão-pouco passear a nossa curiosidade pelo *Museu Grévin* (o das figuras de cera), locais que todo o portuguezito que pela primeira vez põe pé na *Ville-Lumière* não deixa de visitar, e nós, como respeitáveis basbaques, nessa intenção estávamos.

Assim, providos de farto e succulento farnel, tomámos lugar, pelas 22 horas de 8 de Março, em ampla carruagem de 2.^a classe dum comboio que largou da movimentada Gare do Norte em direcção à longínqua fronteira russa, onde passaríamos para outro comboio que nos conduziria a Mos-

cóvia — a tão falada Moscóvia, solenemente detestada por uns, deliberadamente enaltecida por outros.

*
* *

No compartimento da carruagem em que nos instalámos, além de algumas senhoras, que foram saindo nas estações onde o comboio parava — o que aliás não sucedia com frequência, atendendo a que se tratava de um *expresso* —, tomara assento um cavalheiro dos seus 50 anos, sanguíneo, de longo bigode alourado, que foi nosso companheiro até ao fim da viagem, o qual, pela sua atitude altaneira, nos deu a impressão de pertencer ao mundo burguês e que, se pela nossa algaraviada, não nos poderia talvez identificar, evidentemente não deixou de perceber que os cinco paroquianos que viajavam no seu compartimento eram *prolos* e, mais do que isso, ao ver-nos mostrar, nas fronteiras dos países que atravessámos, bilhetes e passaportes, havia de compreender, seguramente, que avançávamos em direcção à U. R. S. S.

Como o comboio marchava vertiginosamente, transpúnhamos, volvidas seis horas, a Bélgica, de cujos centros populacionais pouco mais lobrigámos do que renques de luzes distantes, além das fugidias gares do caminho de ferro, e, atendendo a que estávamos desfalcados de contadores de histórias, pois o nosso admirável Gambeta precisava de quem o estimulasse (e os seus quatro

companheiros eram, de ordinário, criaturas sisudas), acomodámo-nos o melhor que nos foi possível e dormimos umas horas.

Ao romper d'alva, despertado por um dos *compinchas*, notei que havíamos chegado à cidade de Colónia. Descemos para tomar café e desemperar as pernas, havendo tido ensejo de admirar, da gare, embora a distância, a famosa catedral, que era, do ponto de vista artístico, dos mais notáveis monumentos do século XIX, se bem que a sua construção houvesse sido iniciada no século XVI.

*
* *

Novamente no comboio, galgou este quilómetros e quilómetros, tendo nós notado, dentro em pouco, que atravessávamos uma grande zona industrial alemã, erichada de altas chaminés, denunciando enormes fábricas, e, ao mesmo tempo, verificávamos que o solo estava branco de neve, a qual caía em grossos flocos que, algumas horas depois, tombariam sobre os nossos próprios corpos.

Estávamos transpondo a grande zona industrial do Ruhr, com suas paisagens pitorescas e em cujo vale se encontravam as fábricas mais importantes da Alemanha, nesse número figurando as que exploravam os minérios, sobretudo o carvão de pedra, pois a sua gigantesca bacia é a primeira da Europa ocidental. A breve trecho detinha-se o *expresso* numa das grandes gares daquela

região — Francfort, onde descemos. Tomadas, no *bar* da estação, umas chávenas de café bem quente, acompanhadas, é claro, de cálices de bebida espirituosa (a *competente*, como já disse, lhe chamava um dos nossos), pois o frio era intenso, retomámos, pouco depois, o nosso lugar no comboio, que, novamente em marcha, atravessou inúmeras povoações fabris, interceptadas, não raro, por extensas planícies, estas por igual brancas de neve.

Dentro de poucas horas, começámos a avistar os arredores de uma importante cidade, que supusemos ser Berlim.

Era efectivamente a capital da Alemanha, de cuja grande e movimentada gare — onde os carregadores se apresentavam bem barbeados, de colarinho branco, reluzente do engomado e muito limpos em seus fatos-macacos claros — estendemos a vista, com a curiosidade que se adivinha, pela imponente urbe, ali tendo assistido à chegada e partida de inúmeros comboios de passageiros, a maior parte de tais comboios constituída por carruagens duma classe única, o que dava ares de se estar em país de instituições políticas democráticas, impressão que aliás não correspondia à realidade.

*
* *

Volvida uma hora — e depois, é claro, duma visita ao *estaminet* da gare, pois o frio era de respeito, pelo que não podia dispensar-se a *com-*

petente —, retomámos o *expresso*, que logo se pôs em marcha. Compreendendo, dentro em pouco, que era mister fazer qualquer exercício para quebrar a monotonia, e como o farnel ainda estava rechonchudo, demos-lhe nova avançada, pois não se nos quebrara o apetite, parecendo até que os solavancos do comboio o avivavam . . .

Entretanto, as más condições de visibilidade, em consequência da queda ininterrupta da neve, não permitiram que nos inteirássemos de que ultrapassáramos os pequenos países constituídos pela Letónia e pela Lituânia, o primeiro vagamente denunciado por seus ricos prados e o segundo pelas imponentes florestas, também recamadas de flocos branquíssimos, que imprimiam às árvores, especialmente aos pinheiros, que se estendiam em incontáveis filas, aspectos deslumbrantes.

Galgados os Estados bálticos, veio uma nova noite — noite escuríssima, em que só brilhavam catadupas de neve — e, depois de passarmos a vista pelas revistas que comprámos em Berlim, caímos em modorra, que foi quebrada pela madrugada dum dia gris. Atingíramos, enfim, terras polonesas. E a impressão que recebêramos na primeira localidade da fronteira foi a de que havíamos penetrado em regiões onde predominava o militarismo, impressão provocada por um insólito ruído de espadas e pelo estrépito das coronhas de carabinas.

Era um contingente de homens de tropa, capitaneados por oficial subalterno, flamejantemente fardados, que invadira a carruagem à cata dos

passaportes... e de contrabando, havendo alguns dos intrusos remexido com cuidado especial as nossas malas e as dos restantes viajantes que se dirigiam a Moscóvia ou que por lá transitariam, como era o caso de alguns Chineses que se encaminhavam para o seu país, fazendo, para o efeito, o percurso transiberiano.

Após minuciosa inspecção, quedou-se na carruagem um núcleo daqueles obstinados vigilantes, que seguiu, de armas em posição de sentido e olho atento, até à capital da Polónia, núcleo que aí seria rendido por um outro que só nos abandonaria ao atingirmos a fronteira posterior.

Uma vez na gare que serve a cidade de Varsóvia, onde o comboio se deteve umas horas, aproveitei o ensejo não só para desemperrar as pernas, mas também para, armado em turista de via reduzida, dar umas voltas pelas ruas mais próximas da gare polonesa, o que fiz na companhia dum dos *compinchas*, que, por sinal, se estatelou sobre os carris, ao saltar da carruagem, felizmente sem grande perigo para a sua integridade física, talvez por a neve formar altura respeitável.

Foi, porém, passeio mui breve, trepidante, porque os flocos brancos, a cujas mordeduras não estávamos habituados, nos incomodavam fortemente, tendo-nos obrigado a regressar à base, isto é, à carruagem, com presteza, não sem que no primeiro *estaminet* que topámos ingeríssemos a indispensável chávena de café fervente, seguida da... *competente*.

De novo em marcha o comboio, galgou este cidades, aldeias e vastas planícies, num percurso efectuado, em grande parte, de noite. E não só porque a princípio a neve, aliada à escuridão, nada nos deixava lobrigar, mas também porque nos encontrávamos aborrecidos pela monotonia da viagem, tanto mais que continuávamos a ser insistentemente vigiados pelo pelotão que entrara em Varsóvia, amodorrámos, só ocorrendo à portinhola quando um dos nossos, que não se fatigara de perscrutar a noite espessa e fria, nos anunciou, com o alvoroço que é de calcular, que éramos chegados à «Terra de Ninguém», constituída por umas dezenas de quilómetros que não se achavam nem sob a jurisdição territorial da Polónia, nem da Rússia.

Parado, a breve trecho, o comboio, abandonaram, finalmente, os da tropa a carruagem, voltando a fazer grande ruído com suas armas cintilantes, como que a quererem dar-nos a impressão de que se exercitavam para oporem, na hora própria, invencível barreira aos exércitos soviéticos, que afinal não encontraram contumaz resistência da sua parte quando, alguns anos volvidos, irromperam no país, do mesmo modo que sucederia por ocasião da investida dos exércitos de Hitler.

Num último arranco da poderosa locomotiva, rapidamente o comboio ganhou o território russo, conforme no-lo atestava, eloquentemente, um subversivo dístico, pintado em grossos caracteres, que encimava um arco sob o qual passavam os comboios, dístico que ostentava a legenda mun-

dialmente conhecida e cuja autoria é atribuída a Marx: «Proletários de todo o mundo: uni-vos!»

Era, pois, certo que estávamos em terras russas, embora ainda muito longe do ponto de destino, que só atingiríamos cerca do meio-dia.

Tendo-se detido pouco depois o *expresso*, apeávamo-nos, finalmente, na primeira gare do caminho de ferro da U. R. S. S., em cuja estação — que nada tinha de espantosa — apresentámos os passaportes e mostrámos as nossas malas.

Passámos, como é óbvio, a encontrar, ao contrário do que sucedera até então, as máximas facilidades, sendo patente o propósito, não só por parte de todos os funcionários dos caminhos de ferro, mas também dos da alfândega, de se mostrarem gentis para com os delegados operários.

*

* *

Quando, noite alta, o nosso quinteto se achava numa «bicha» formada em frente dum dos *guichets* da estação do caminho de ferro, a fim de regularizar os bilhetes para Moscóvia, como trocássemos quaisquer palavras em português, abeirou-se de nós um indivíduo desconhecido — homem alto, desempenado, aí dos seus 50 anos — que, num castelhano que se notava ser falado por estrangeiro, nos perguntou se éramos Portugueses, e como recebesse resposta afirmativa e logo ficasse inteirado de que nos dirigíamos, como delegados operários, ao IV Congresso da I. S. V., se mostrou radiante por haver tomado contacto connosco, dando largas à sua loquacidade.

Era um operário russo há muito arredado da terra onde nascera e que deambulara, durante bom número de anos, por diferentes países, sem excluir Portugal.

Deambular não é o termo preciso, porquanto, se na verdade percorreu meio mundo, não passara, na sua qualidade de anarquista, a maior parte do tempo a flunar, mas detido amiúde em infectos cárceres, nalguns dos quais fora tratado com absoluta ausência de carinho, tendo-nos inteirado, a propósito, de que, sob tal aspecto, não era de Portugal que registava as piores recordações, pois também em terras lusas esteve detido vezes várias, não só porque era estrangeiro, mas também porque não ocultava os seus princípios ideológicos.

Recém-chegado à Alemanha, o último país em que estacionara, regressava naquela ocasião à Rússia, com o propósito de rever a família e a aldeia em que nascera, auxiliado, para efeitos de deslocação, pela secção alemã do «Socorro Vermelho Internacional», secção então muito potente.

Não sabia como seria recebido em Moscóvia, atendendo a que, anarquista militante, era possível que o não suportassem. Não obstante, não hesitara em empreender a viagem, esperançado em que as autoridades soviéticas lhe possibilitassem a passagem para a terra da sua naturalidade, que demorava longe da capital da U. R. S. S., isto é, na Ucrânia, visto que não dispunha de dinheiro para se transportar à sua custa.

*
* *
*

Instalados, finalmente, em nova carruagem — e esta do comboio russo afigurou-se-nos mais aconchegada do que a anterior, impressão talvez produzida pela circunstância de ostentar camas, que foram postas à nossa disposição, mas de que não nos utilizámos —, seguiu o camarada anarquista na nossa companhia, partilhando por igual do farnel de que nos muníramos em Paris e que ainda não fora completamente esgotado, apesar de levarmos mais de três dias de viagem. Tratados fraternalmente pelo pessoal ferroviário que fazia serviço na nossa carruagem, a breve trecho vinha um *tovaritze* servir-nos uma aromática bebida, de largo consumo na Rússia: chá, um chá que nos soube deliciosamente, para o que talvez contribuiu certo acessório a que não estávamos habituados — uma rodela de limão sobrenadando no líquido que enchia a ampla chávena, e que, como em breve verificaríamos, era de uso inveterado na população com que íamos contactar.

Passado o resto da noite em conversa com o nosso fortuito companheiro de viagem, que, como é de calcular, tinha repertório vastíssimo, ao romper da manhã estávamos postados junto da larga janela da carruagem, desejosos de colher as primeiras sensações visuais de terras russas. A nossa expectativa foi, porém, decepcionada: a neve, que caía em catadupa, só com intermitências permitia

que descobríssemos fugidios trechos da paisagem imensa, constituída por planícies desconhadas, cuja monotonia era quebrada, uma vez por outra, pela aparição, ao largo, de manadas de gado cavalgar, guardadas por raros mujiques — os mujiques que Gorki e Tolstoi nos haviam descrito em páginas inesquecíveis dos seus romances.

Fugindo àquela uniformidade enfadonha, amodorrámos, até que, quase ao meio-dia, arribámos, enfim, aos arredores da capital da Rússia. A breve trecho surgia-nos Moscóvia.

*
* *

Chegados à famosa metrópole que tem sido teatro de acontecimentos de carácter social e político dos que mais hão convulsionado o mundo, éramos aguardados na gare, por representantes da I. S. V. e... por um destes frios que dão cabo dos rins ao mais resistente dos mortais.

Separámo-nos do cidadão do Mundo — que não voltámos a ver — e seguimos para o hotel, na companhia dos camaradas russos que nos tinham ido esperar (entre eles um que falava francês), os quais nos meteram num amplo automóvel provido de aquecimento — uma novidade para nós, e novidade assaz agradável, como se compreende.

Porém, não nos conduziram apenas a nós, Portugueses (e esta particularidade deixou-nos atordoados), mas também — pasmai, leitores! — ao cavalheiro sanguíneo, de longo bigode aloirado,

que viajara até à fronteira russa no nosso compartimento e que, havendo partido connosco de Paris, supuséramos, pelo seu porte esquivo, pertencer ao mundo burguês! . . .

Parece inacreditável, mas esse indivíduo era, nem mais nem menos, do que Dudlieux, militante comunista francês bem conhecido ao tempo — impressor-tipográfico de seu ofício, com o qual, mais tarde, formaríamos, em Paris, na mesma organização sindical: a «Fédération des Travailleurs du Livre Unitaire».

Tão próximos pela profissão, e um pouco pela ideologia, e tão afastados pelo temperamento!

IV

IMPRESSÕES INICIAIS DA CAPITAL
DA RÚSSIA

O hotel que nos fora destinado era, ao tempo, um dos melhores da capital da Rússia: o «Metrópole», que demorava na parte central da cidade, tendo nós ficado instalados em excelentes quartos. Não foi das coisas mais fáceis a tarefa de nos fazermos entender pelos *tovaritzes* (camaradas) que ali prestavam os seus serviços profissionais, os quais *tovaritzes*, à excepção do gerente do hotel, que articulava uma espécie de francês que, em sua pobreza, se assemelhava ao nosso, se exprimiam em russo. Mas nem por isso deixámos de ser servidos atenciosamente, e, quando não adregávamos fazer-nos compreender por meio da palavra falada, recorriamos, sempre com êxito, ao linguajar mais internacionalista que se conhece: a mímica, que bate até o espartano . . .

À tarde, depois do almoço, que meteu pratos esquisitos, entre eles uma espécie de sopa de maçã e um produto aquático que um dos nossos companheiros qualificou, com graça, de «peixe envernizado» — porque, na verdade, a parte exterior brilhava como verniz —, fomos de visita ao

Profinterne, isto é, ao executivo da Internacional Sindical Vermelha, instalado num dos mais amplos edifícios da cidade.

Tendo feito o percurso a pé, acompanhados do *periboche* (intérprete), remexido camarada russo que vivera durante alguns anos na Argentina e que falava várias línguas, atravessámos assim parte das ruas centrais de Moscóvia, urbe que nem pelo aspecto dos edifícios, nem pelo movimento que apresentavam as principais artérias, nos não deu sensação atordoante, ao contrário do que nos sucedera em Paris e em Berlim, antes nos deixou a impressão duma cidade com pouca vida e de tipo asiático, aspecto que, seguramente, já não é o de hoje, visto que nos achávamos então em 1928, e nos anos que vão decorridos (naquela altura estava-se a dar os últimos retoques na elaboração do primeiro *Plano quinquenal*) a transformação operada deve ter sido profunda.

*
* *
*

Introduzidos no gabinete do comité executivo da I. S. V., fomos apresentados às suas principais figuras: Samuel Lozowsky, conhecido militante russo, que era o secretário-geral, e André Nine, secretário-adjunto, este de nacionalidade espanhola, os quais estavam ladeados por Monmou-seau, antigo militante sindicalista francês, e por Dudlieux, delegado principal da Confederação Geral Unitária de França, a esfíngica personagem

que viajara, desde Paris, no compartimento da carruagem em que tomaram lugar os delegados portugueses, conforme contamos noutra capítulo.

A conversa, mantida em francês por parte de Lozowsky e em castelhano por Nine, girou em torno de assuntos relativos à organização operária portuguesa, tendo nós notado que não eram desconhecidas dos militantes da I. S. V. certas particularidades acerca do que então se passava em terras lusíadas, sobretudo o que respeitava à luta de tendências no seio da nossa Confederação Geral do Trabalho e bem assim à actuação dos governantes portugueses em relação ao movimento operário e aos agrupamentos políticos republicanos.

A confirmar que as coisas que ocorriam então na nossa vida sindical não eram ignoradas em Moscóvia está o facto de, uma vez regressados ao hotel, havermos sido ali procurados por um camarada russo, que, falando-nos num sofrível português — língua com que se familiarizara, num autodidactismo que revelava forte vontade —, nos narrou episódios colhidos em relatos de jornais publicados em Portugal, jornais que lhe chegavam à mão regularmente, nalguns dos quais episódios tinham participado militantes operários cujos nomes indicou, citando inclusive factos a que pessoalmente eu estava ligado, entre eles o conflito que pouco antes tivera com um ex-director da Biblioteca Nacional, e mostrando, além disso, possuir memória tão magnífica que precisou até os jornais sindicais que eu tinha dirigido, datas em que

havia sido publicados e cargos que eu desempenhara na organização sindicalista portuguesa, o que me deixou simplesmente aturdido, e muito mais quando recordou os nomes e a acção de alguns confrades mortos, citando entre outros o saudoso camarada Francisco Cristo.

*

* *

Depois do jantar assistimos, na companhia de muitos delegados dos países de línguas latinas, a uma sessão cinematográfica que se efectuou no «Cinema Colossal», acompanhados do secretário-geral da I. S. V. e de outros elementos activos dos sindicatos russos. Foram projectados dois excelentes filmes: o primeiro, constituído por vários episódios da Revolução de 1917, o outro sobre a famosa rebelião dos Tártaros, tendo os delegados sido divididos em dois grupos, um deles formado pelos que falavam italiano, castelhano ou português (neste incluídos alguns confrades brasileiros), o segundo composto por Franceses e Belgas, havendo para cada grupo um intérprete que, colocado em posição central, ia explicando a acção dos filmes, o que na verdade se tornava indispensável por as legendas estarem escritas em russo.

Seguimos depois para o Instituto Lenine, instalado num belo edifício, que nos informaram ter sido o palácio da última imperatriz da Rússia, havendo nós deixado à entrada, numa pequena

dependência que ficava junto do porteiro (como sucedera já no cinema e se fazia em todas as casas de espectáculos), não só sobretudos e chapéus, mas também as galochas, calçado impermeável que era usado por quase todas as pessoas dos dois sexos e de que, por nossa vez, tivéramos de munir-nos naquele mesmo dia, não somente para não fugirmos ao ritmo, como para nos precatar-mos contra possíveis escorregadelas provocadas pelo *verglas*, isto é, ligeira camada de neve que se sobrepunha à que entulhava as ruas.

Estava-se realizando ali um interessante espectáculo, dedicado aos delegados operários estrangeiros e preenchido por um grupo de alunos do Instituto, secundado por artistas de diversos teatros, que recitaram poesias, cantaram canções e trechos de ópera, executaram números acrobáticos, exibiram danças ucranianas, etc. Todos os espectadores gostaram deveras daquela festa, que terminou com a execução de belos trechos por um orfeão constituído por alunos dos dois sexos, que tiveram de repetir, a pedido, vários números, sobretudo canções russas.

Terminado o espectáculo, dirigiu-se o público, que era numeroso, para outra grande sala, onde, entre esfuziante alegria, se dançou animadamente até de madrugada, havendo contribuído para avolumar a geral satisfação vários delegados estrangeiros, especialmente um de cor, da Colômbia — rapaz deveras simpático —, que bailou desesperadamente e tornou apreciadíssimos, sobretudo

pelas raparigas, é claro, os seus vertiginosos saracoteios.

Havíamos, porém, de amargar, dentro de pouco, tão alegres momentos. Sucedeu isso logo que deixámos o edifício e nos encaminhámos, a pé, para o hotel, pois ao tempo não existia o «Metropolitano» e rareavam os táxis. O nosso suplício consistiu em suportar, durante um longo percurso, uma temperatura de 18 graus abaixo de 0, acompanhada de forte vento glacial, proeza que para quem, como nós, não estava habituado a tal clima, foi coisa bastante séria.

Na noite imediata assistimos a um espectáculo de variedades num circo (o «Musical»), que não tinha capacidade maior do que o Coliseu dos Recreios, de Lisboa. Nada de extraordinário, a não ser o facto curioso de presenciarmos a execução dum bom número de acrobacia desempenhado por um casal de artistas que anos antes já víramos no teatro de S. Luís, de Lisboa.

*

* *

Atendendo a que o Congresso só seis dias depois iniciou os seus trabalhos, assistimos, em quatro das noites seguintes, a outros espectáculos, o primeiro dos quais no Clube dos Ferroviários, que, além dum amplo teatro, munido de palco giratório (onde se estava representando a peça *La débâcle*, cuja acção se passa no período do governo de Kerensky), dispunha dum salão que

comportava 2.000 pessoas, tendo nós assistido a parte duma sessão do Congresso dos antigos revolucionários que haviam sido deportados para a Sibéria no tempo dos últimos czares, revolucionários todos idosos, como é compreensível, e entre os quais figurava uma remexida velhinha que participou no *complot* contra o czar Alexandre II.

Noutra noite fomos ouvir a *Cármén*, de Bizet, no Teatro da Grande Ópera, tão falado em terras do Ocidente, não só por ser, na verdade, uma excelente sala de espectáculos, mas também porque, no que concerne ao corpo de baile e à orquestra, é do melhor que há no mundo, se bem que a Ópera de Paris, como edifício, se nos afigure superior.

A sala estava cheia, sendo a assistência heterogénea. Embora notássemos um bom número de indivíduos de aspecto burguês (os técnicos, a maior parte dos quais estrangeiros, acompanhados, muitos deles, das esposas, que, bem vestidas, não apresentavam todavia os decotes que havíamos visto em S. Carlos e que mais tarde notaríamos na Ópera de Paris), predominavam na assistência numerosos operários dos dois sexos, envergando quase todos os homens as típicas camisas russas e, as companheiras, vestidos modestos, mas decentes.

Parte dos operários ocupavam o antigo camarote imperial, e como perguntássemos ao intérprete se era dali que os «comissários do povo» assistiam aos espectáculos, respondeu-nos afirmativamente, acrescentando, porém, que quando

nenhum daqueles estava presente, eram os respectivos bilhetes vendidos por intermédio dos Sindicatos aos operários, com um desconto de 70 %.

A ópera foi cantada em russo, como sucedia com todas as outras. A *mise-en-scène* era muito diversa da que estávamos habituados a ver nos palcos dos países ocidentais, sendo também maior o número dos figurantes e mais requintado o corpo-de-baile, constituído por grande quantidade de bailarinas, à frente das quais se achava a que é ainda hoje a maior figura do *ballet* russo, Galina Oulanova, que pouco antes interpretara de tal maneira a ópera *Romeu e Julieta* que recebeu o título de «Artista do Povo» e foi quatro vezes laureada com o prémio «Estaline». Quanto à orquestra, simplesmente magnífica.

Numa outra noite assistimos a um segundo espectáculo lírico, no «Teatro Experimental», teatro mais modesto que o da Grande Ópera, embora também amplo. A sala estava repleta, como aliás verificámos em todos os teatros e cinemas por onde passámos. Representava-se a *Manon*, de Massenet.

Se não houvesse sido cantada em russo, teríamos a sensação de que não estávamos em Moscóvia, mas em qualquer teatro dos países ocidentais, só com uma excepção, que nos intrigou deveras: é que os aplausos se tornaram ali muito mais vivos do que no primeiro teatro lírico, sobretudo nos finais de acto, em que as chamadas dos primeiros artistas eram ininterruptas, visando especialmente um jovem tenor que interpretava o prin-

cipal papel, cujo nome quase todos os rapazes e raparigas, pondo as mãos na boca, à guisa de porta-voz, repetiam atroadamente.

A explicação de tal entusiasmo deu-no-la o camarada *periboche*: é que aquele tenor, além de possuir excelente voz, saíra, havia pouco, do seio da classe operária, e, como tivesse dado provas de dicidida vocação, depois de frequentar as aulas de canto, no Conservatório, passou a ser um bom artista profissional, assim se explicando a excepcional simpatia que desfrutava entre os companheiros de trabalho da véspera.

Pormenor curioso, não pròpriamente relativo à natureza dos programas, quer dos teatros, quer dos cinemas, mas tendente a marcar as coisas do domínio espiritual. Nos intervalos quase todo o público abandonava a sala de espectáculos, e enquanto numerosas senhoras passeavam pelos corredores, outras, e sobretudo muitos cavalheiros, encaminhavam-se não apenas para os *buffets*, mas de preferência para isolados recintos: salas de leitura, onde se encontravam expostos, além de livros e revistas, os jornais do dia, que os frequentadores podiam ler graciosamente enquanto não recomeçava o espectáculo.

*

* *

Uma das noites reservámo-la para visitar uma dama que fora dedicada intérprete de dois amigos portugueses que haviam estado em Moscóvia

antes de nós. Como gostava muitíssimo de café, e este, ao tempo, não se vendesse na Rússia, um dos nossos companheiros levou-lhe um quilo, da melhor qualidade, mimo que foi assaz difícil fazer chegar ao destino, porquanto em todas as fronteiras que atravessávamos tentaram os agentes do fisco assenhorear-se do aromático pacote.

Entregue este, finalmente, à destinatária — uma simpática senhora, filha de um nobre que no anterior regime havia ocupado lugar saliente na magistratura —, teve ela, com a amável aquiescência de seu marido, a gentileza de convidar a nossa *équipe* para saborear, no seu microscópico *appartement*, não só a excelente bebida, mas também uns belos bolos moscovitários, produção sua.

Foi um serão admirável. O pior é que começo a nossa amável anfitriã por exigir que um nosso amigo espanhol (que era seu hóspede e se alcandorava, para dormir, num cacifo que ficava ao alto do pequeno *appartement*) entoasse uma *mala-gueña* e, a seguir, impôs aos visitantes que cantassem, por sua vez, o fado e algumas canções portuguesas! Não pudemos esquivar-nos, mas não nos abstemos de confessar que deixámos muito mal parados os créditos dos cantadores lusitanos...

*
* *
* *

É óbvio que até ao dia em que foram iniciados os trabalhos do Congresso não nos limitámos a ir a teatros, cinemas, clubes e a visitar várias pes-

soas. Percorremos igualmente fábricas, escolas, museus, etc. Quanto a museus — e há-os admiráveis em Moscóvia — terão sido, seguramente, ampliados com a aquisição de novas peças artísticas, que muito os terão valorizado. Por outro lado, não sofre dúvida que as escolas e as fábricas haverão sofrido melhoramentos profundos, especialmente as fábricas, sabido como é que, no domínio da técnica, os progressos registados em terras russas atingem proporções formidáveis.

Assim, seria pueril da nossa parte tentar esboçar um relato do que observámos sob os aspectos em referência, pois o que disséssemos estaria desactualizadíssimo, tanto mais que é bom não esquecer que estivemos na Rússia há já mais de 30 anos.

Não nos furtaremos, todavia, a dar, oportunamente, as nossas impressões sobre a descida que fizemos, na Ucrânia, a duas minas — uma de sal, a outra de carvão, mas sòmente para exteriorizarmos as sensações que experimentámos ao mergulhar naquelas galerias subterrâneas.

*
* *

Fecharemos este capítulo com a alusão a um episódio que ia tendo sérias consequências.

Certa manhã em que, na companhia de outros delegados portugueses, regressávamos, a pé, duma

visita feita ao Museu de Arte Camponesa — um dos mais interessantes de Moscóvia — museu que demorava em local excêntrico, suportámos frio tão intenso que chegámos a recear que ficasse pelo caminho o mais débil dos nossos companheiros (que já não existe: Augusto Machado), pois o vento, geladíssimo, fustigava-nos tão furiosamente que a todos dificultava a respiração e, por consequência, a marcha, especialmente ao nosso aludido confrade, que claudicava penosamente, por virtude do forte sofrimento físico. A situação tornou-se muito séria, especialmente ao fazermos a travessia duma das pontes que ficam sobre o rio Moskova. Não havendo quaisquer meios de transporte, nem casas nas proximidades do local, mister se tornou que ladeássemos cuidadosamente o nosso amigo, para evitar que a álgida ventania o estatelasse cruamente ali.

Pois, precisamente em momento tão angustioso, deparou-se aos nossos olhos atónitos este quadro estranho: no meio do rio, tão solidificado pelo gelo que até sobre ele deslizavam viaturas, sentado sobre um pequeno banco de madeira, a cabeça enfiada num boné de peles, o busto metido num casaco de astracã, cachimbo na boca e empunhando comprida cana, achava-se — oh céus! — um homem a pescar! A pescar numa cavidade que abria com amplo sacho que tinha a seu lado!

Ficámos simplesmente aturdidos ante a inusitada cena, tão estranha que até parece inventada.

V

O IV CONGRESSO DA INTERNACIONAL SINDICAL VERMELHA

CHEGOU, enfim, o dia em que devia iniciar os seus trabalhos o IV Congresso da Internacional Sindical Vermelha, que teve a sessão inaugural em 23 de Março de 1928.

Realizou-se a grande reunião numa ampla sala da «Casa dos Sindicatos», palácio sumptuosíssimo situado no coração de Moscóvia, onde, nos tempos dos czares, costumavam ser recebidas as missões estrangeiras e se realizavam as festas mais imponentes. Depois do advento do regime soviético passaram a efectuar-se naquele edifício as reuniões magnas, sobretudo os congressos, não só os da organização sindical, mas também os do partido comunista, e bem assim os grandes concertos.

Possui o palácio muitas salas, todas amplas e confortáveis, sendo a mais imponente aquela em que foi levado a efeito o Congresso, sala em que se erguiam 28 graciosas colunas de lindo mármore, sob parte das quais se apoiava um artístico tecto, enquanto as restantes sustentavam uma vasta galeria destinada aos espectadores. Três dezenas de ricos lustres espargiam luz a jorros pela sala, que

se achava engalanada com numerosos estandartes e bandeiras, vendo-se também muitos cartazes com saudações, em língua russa, aos trabalhadores de todo o mundo, algumas delas redigidas em termos vibrantes, segundo nos informou o intérprete.

Os congressistas, em número superior a 500, que se espalhavam pela vasta sala, representavam os operários organizados de 42 países de todos os continentes, desde os ocidentais aos orientais, sem exclusão das regiões africanas, apresentando-se parte desses congressistas (entre os quais se notavam militantes chineses, japoneses, negros e mulattos) com os trajes característicos e ostentando, por outro lado, alguns dos delegados russos suas camisas de linho, cingidas ao abdómen por cinto de couro. Também se encontravam presentes dezenas de mulheres, como representantes sindicais, sobretudo russas e alemãs.

Numa tribuna que ficava ao fundo da sala tomaram lugar os elementos que constituíam a mesa do Congresso e bem assim parte dos componentes do comité executivo da I. S. V. Próximo viam-se muitos taquígrafos e 24 dactilógrafas, que, à medida que os primeiros lhes passavam as notas estenografadas dos discursos pronunciados pelos diversos delegados, os reproduziam em cinco línguas: francês, inglês, alemão, espanhol e russo, cujas folhas dactilografadas a breve trecho eram distribuídas aos congressistas que desconhecassem os idiomas em que houvessem falado os oradores.

A sessão foi aberta por Solomon Lozovsky, secretário-geral da I. S. V., que estava ladeado por André Nine, secretário-adjunto; Monmoussont, delegado francês, também membro do comité executivo, e pelo secretário-geral da central de sindicatos russa.

O primeiro orador a usar da palavra foi Lozovsky, que se exprimiu em russo, tendo falado durante seis horas. Seguiram-se-lhe: um delegado da Confederação Geral do Labor, de Itália; outro que representava os sindicatos das Filipinas; um terceiro, da Noruega, e ainda o representante do Soviete de Moscóvia. Por fim surgiu na tribuna um oficial da marinha russa: era o comandante do couraçado *Profinterne*, que, ladeado por dois marinheiros do mesmo navio, saudou os congressistas em nome da armada soviética.

*

* *

Como os assuntos que foram debatidos na magna reunião estão desactualizadíssimos, que o mesmo é dizer que perderam o interesse que tinham há trinta e dois anos, é intuitivo que não me deterei a esmiuçá-los, limitando-me a aludir a duas questões que suscitaram a maior atenção dos congressistas.

A primeira consistiu, como é curial, na apreciação da actividade que havia sido desenvolvida em todo o mundo pelos organismos então aderen-

tes, tendo sido criticadas, acerbamente, pelo secretário-geral da I. S. V., as deficiências registadas nos quadros sindicais da maioria dos países, sobretudo em França e na Inglaterra. Afirmou o orador que se impunha a adopção de novos processos tendentes a atrair às fileiras da Internacional Sindical Vermelha os agrupamentos aderentes aos organismos reformistas, isto é, aqueles em que predominavam o partido socialista e os católicos, acrescentando que a primeira condição para que se apurassem os ambicionados resultados consistia em que os militantes das organizações revolucionárias, em vez de se distanciarem do operariado que formava naqueles agrupamentos, forcejassem por se confundirem com ele nas lutas reivindicativas diárias.

A segunda questão que apaixonou o Congresso foi levantada pelo secretário-adjunto da I. S. V., André Nine, que, falando em francês — a língua mais acessível à maioria dos delegados —, manifestou a sua discordância quanto aos métodos que as organizações integradas naquela Internacional estavam seguindo, sobretudo na Rússia, criticando também a orientação do Partido Comunista, para concluir que, se não se mudasse de tática, isto é, se não se imprimisse um autêntico espírito proletário aos agrupamentos revolucionários, as massas perderiam o entusiasmo que lhes despertara a revolução russa.

O discurso de Nine, sobretudo pela posição de relevo que aquele militante ocupava, de longa data, no executivo da I. S. V., produziu funda impres-

são, havendo-se tornado deveras expressiva a frieza com que foi ouvido pelos elementos mais próximos do Partido Comunista, que no Congresso eram em número elevado.

Alguns desses elementos, nos intervalos das sessões, procuraram convencer os delegados das repúblicas sul-americanas de que Nine era um instrumento de Trotsky — chefe comunista que pouco antes caíra em desgraça, em consequência das desinteligências que se haviam registado entre ele e Estaline —, havendo forcejado aqueles elementos, ao mesmo tempo, por que, em declaração a apresentar em futura sessão do Congresso, os aludidos delegados manifestassem a sua repulsa em face da atitude do secretário-adjunto da I. S. V., o que efectivamente conseguiram, embora após laboriosos esforços (1). Os delegados portugueses não intervieram.

(1) Era André Nine de nacionalidade espanhola, tendo sido professor distinto no país em que nascera. Homem de espírito avançado, formou sempre na vanguarda dos combatentes extremistas e, quando da revolução russa, salientou-se na defesa do regime soviético. Havendo sido indicado para fazer parte duma delegação sindical enviada a Moscóvia, uma vez aqui, foi convidado a permanecer na capital da Rússia, onde, ao fundar-se a Internacional Sindical Vermelha, passou a ocupar o lugar de secretário-geral adjunto.

Logo após o IV Congresso, em face da discordância que manifestara publicamente quanto aos métodos seguidos, teve de abandonar aquele cargo. Poucos meses volvidos, regressava a Espanha, onde foi assassinado quando do movimento nacionalista capitaneado pelo General Franco.

*
* *
*

Volvidas mais de três décadas sobre a realização do Congresso — que, exceptuada a discordante nota dada pela atitude de Nine, decorreu em condições idênticas às de muitos outros similares, isto é, em volta duma ordem-de-trabalhos previamente estabelecida —, salientaremos que só se diferenciou pelo elevado número de delegados, pela diversidade de raças a que estes pertenciam e pelas numerosas sessões efectuadas de dia e de noite, as quais se prolongaram por duas semanas.

Durante aqueles quinze dias andaram os delegados em grande azáfama, azáfama que só era interrompida pelo espaço de tempo indispensável para tomarem as refeições e a fim de assistirem, numa ou noutra noite (na própria sala do Congresso), à exibição de documentários das sessões da magna assembleia e também à de bons filmes, tendo figurado entre estes os que se intitulavam: *O Fim de S. Petersburgo*, *Potemkine* (nome dum célebre couraçado russo que desempenhou importante papel quando da Revolução), e *A Mãe*, extraído do belo livro que Máximo Gorki publicou com o mesmo título.

Ao Congresso da I. S. V. — cuja última sessão coincidiu com a passagem do 50.º aniversário natalício de Solomon Lozovsky (1), pelo que a

(1) Solomon Lozovsky, bolchevique da velha guarda, que, muito novo, fora deportado para a Sibéria, donde se evadiu, conseguiu ganhar a França, tendo trabalhado como

este foi entregue uma mensagem de saudação, assinada por todos os congressistas, depois de terem discursado vários —, seguiram-se reuniões dos representantes internacionais das várias Federações de Indústria que haviam participado no Congresso, sem excluir a das Artes Gráficas, onde representei a organização que me enviara a Moscóvia, tendo-se ainda efectuado uma Conferência Latino-Americana, com seis sessões, nas quais também tomei parte.

operário chapeleiro em Paris, cidade em que acompanhou com o maior interesse o movimento sindicalista, independentemente da actividade que dava aos organismos que os revolucionários russos mantinham naquele país. Ao iniciar-se a revolução russa, regressou a Moscóvia, tendo desempenhado papel de relevo nas fileiras bolcheviques e especialmente na organização dos sindicatos, pelo que, ao ser fundada a C. G. T. russa, foi posto à sua frente. Muito inteligente e estudioso e falando várias línguas, tornou-se conhecido como um dos militantes de maior envergadura mental, assim se explicando que, ao ser fundada, em 1921, a Internacional Sindical Vermelha, fosse eleito seu secretário-geral, cargo que desempenhou durante muitos anos.

Eva Curie, no seu belo livro *Jornada Entre Guerreiros*, constituído por magníficas reportagens que, quando da segunda guerra mundial, realizou nas frentes mantidas pelas forças aliadas — para o que percorreu 40.000 milhas —, descreve um encontro que teve, na longínqua cidade russa de Kuibyskey (que então se tornara a capital temporária da U. R. S. S.) com Lozovsky, que ali se achava como vice-comissário das Relações Exteriores e que, nessa qualidade, dirigia superiormente na cidade, «cheia de agitação oficial», todos os serviços de guerra. Foi Lozovsky que promoveu que a conhecida escritora visitasse a frente de Moscóvia quando ainda os Alemães se batiam nos arredores.

*
* * *

Ao terminar o Congresso da I. S. V. assistiram os delegados a um banquete dado em sua honra, número raro pela categoria dos promotores, da de algumas entidades presentes, do local em que se efectuou e sobretudo pelas ruidosas manifestações de regozijo que presenciei, parte delas exteriorizadas de maneira singular.

Foi o banquete em referência da iniciativa do Governo da U. R. S. S., a cuja testa se encontrava Estaline, que assistiu, como assistiram outros «comissários do povo» e o então presidente da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, o velho bolchevique Kalinini, que assumiu o lugar de honra.

Efectuou-se o ágape numa enorme sala do Clube Ricof, ao centro da qual, como adorno inusitado, havia nada menos do que isto: um grande lago, que, se bem que artificial, não deixava de apresentar uma opulenta massa de água e peixes de variegadas cores.

O *menu* foi assaz esquisito — é óbvio, para os convivas de paladar ocidental —, pois, além da sopa de maçã, meteu caviar, arenque e outros pratos excêntricos — excêntricos para nós outros, é claro. No tocante a bebidas, não faltaram: um *soi-disant* «Porto», champanhe de fabricação moscovita e a arrevesada aguardente a que chamam *vodka*, da qual, se bem que muito contrariado, tive

que emborcar, de um trago (à semelhança do que fizeram todos os outros comensais), um respeitável copázio, sem o que, segundo me asseguraram, faria figura de pexote . . .

No palco, uma grande orquestra executou belos números de música, após o que houve cantos e danças regionais em profusão, tendo as delegações de alguns dos países representados, especialmente a francesa, a italiana e as das repúblicas da América Latina, entoado as respectivas canções revolucionárias. E em volta do lago dançou-se até altas horas da madrugada, sempre em esfuziante alegria.

Mas o número sensacional foi o que consistiu no mantear de certas figuras salientes que estavam presentes, a começar em Estaline, seguido por Lozovsky e outros. A desconcertante operação era feita assim: algumas das pessoas que ficavam mais próximo dos visados agarravam numa manta e esticavam-na, para o que cada uma delas pegava em sua ponta, enquanto outras duas pessoas forçavam «os homenagiados» a estender-se sobre o cobrejão, fazendo-os saltar no ar, repetidas vezes, entre as mais ruidosas exclamações de entusiasmo por parte dos assistentes, que incitavam os manteadores a prosseguir em sua excêntrica faina.

Disseram-me que tal manifestação — que nalgumas povoações portuguesas é considerada acto de brincadeira ou de maldade — representa a maior homenagem que em terras russas pode ser

prestada a individualidades marcantes nos domínios político, intelectual e social. E disso não tenho o direito de duvidar depois do que os meus olhos estonteados observaram — não sem certa surpresa, confesso-o.

VI

CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA E REUNIÃO DOS DELEGADOS DAS FEDERAÇÕES DE INDÚSTRIA

CONFORME disse noutra parte, ao IV Congresso da Internacional Sindical Vermelha, seguiram-se: uma Conferência Latino-Americana, efectuada também em Moscóvia poucos dias após a terminação do supracitado Congresso, e um colóquio dos representantes das Federações Sindicais de Indústria que tinham participado naquela magna assembleia.

A Conferência Latino-Americana teve a vantagem de dar a conhecer aos delegados sindicais, por contacto directo, as condições económicas, políticas e sociais de cada um dos povos representados na Conferência, pois sucedia que, não só em consequência da distância que geográficamente os separava, mas também porque, em geral, pecava por escassa a correspondência que os organismos da vanguarda mantinham entre si, era imperfeita a noção que a maior parte dos delegados possuía relativamente aos aspectos em referência. Consequentemente, como é intuitivo,

foram então estabelecidas ligações no sentido de concatenar a acção de carácter sindical e social a empreender no futuro.

Pelo que respeitava às Federações de Indústria — agrupamentos onde, como é óbvio, predominavam as preocupações de natureza sindical, mas em que a conjugação de esforços, nalgumas delas, deixava igualmente a desejar, por motivos idênticos —, não foi menos assisada a ideia de aproveitar a estada, em Moscóvia, dos delegados federais ao Congresso, a fim de efectuarem uma troca de impressões sobre os resultados da acção desenvolvida até então não só no que dizia respeito à organização sindical, mas também relativamente às condições profissionais.

Na minha qualidade de representante do mais importante agrupamento sindical gráfico português, assisti não só aos trabalhos da Conferência Latino-Americana, mas igualmente, e com não menor razão, ao colóquio dos delegados das Federações de Indústria e do Jornal, onde tive o gosto de contactar com colegas de vários países.

Convidado a apresentar um informe sobre a organização profissional a que pertencia, submeti à apreciação do pleno um documento que elaborei no intervalo das últimas sessões do Congresso da I. S. V., trabalho que, por ter sido redigido de afogadilho, resultou deficientíssimo, como não podia deixar de ser.

Reproduzo-o a seguir.

PORTUGAL

A situação dos operários gráficos e a sua organização sindical, segundo informes apresentados, no ano de 1928, em reunião operária efectuada em Moscóvia (1).

No país, que conta pouco mais de 7 milhões de habitantes, devem existir aproximadamente 2:500 operários compositores tipográficos e talvez uns 800 impressores na data em que é apresentado este apontamento (2), atendendo a que apenas em Lisboa, Porto, Coimbra, Braga, Évora e Setúbal, isto é, nos centros mais importantes, há impressores especializados, porquanto nas restantes localidades os primeiros compõem e imprimem

(1) Em virtude de ter recebido à última hora a incumbência de vir, como delegado fraternal, ao IV Congresso da Internacional Sindical Vermelha (motivo por que a partida foi feita com grande precipitação), não pude colher no meu Sindicato os elementos estatísticos necessários a um informe preciso, embora pela acção que hei desempenhado na organização operária portuguesa, especialmente na minha corporação profissional, esteja persuadido de que os subsídios que apresento não andarão longe da realidade.

(2) Em 1924 havia em Lisboa 80 oficinas, cujo pessoal operário era constituído por 452 compositores, 113 impressores, 105 encadernadores e 115 litógrafos.

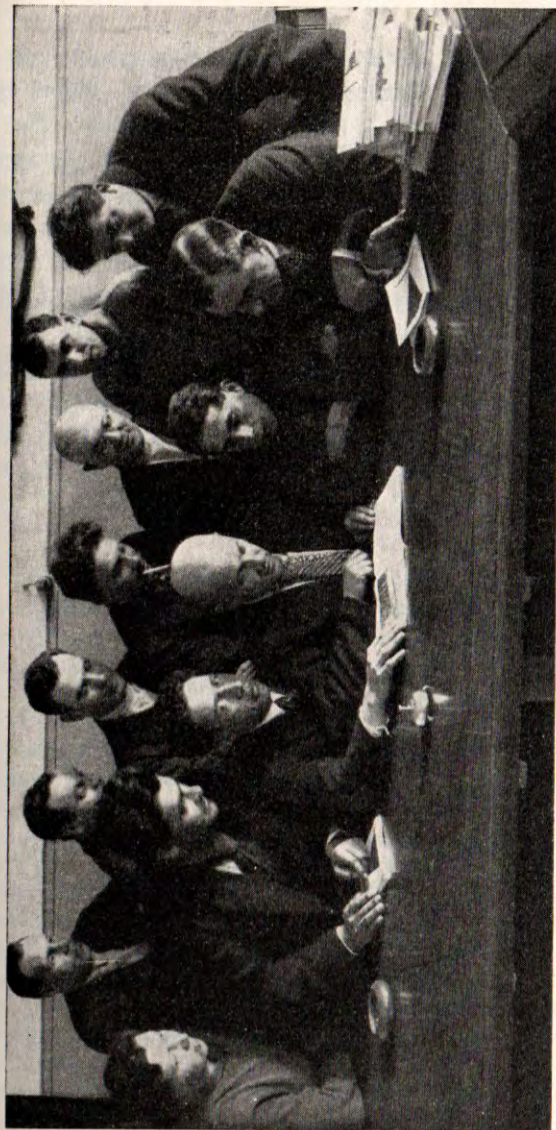
Em 1957 existiam 736 tipografias, dispoendo de 301 máquinas de compor e 3:781 de impressão, sendo de 2:598 o número de compositores manuais, tendo eu colhido estes últimos dados estatísticos numa comunicação apresentada pelo Grémio Nacional dos Industriais Gráficos a um congresso realizado em Lisboa no mesmo ano de 1957.

simultaneamente. Daqueles estão associados no Sindicato dos Compositores Tipográficos de Lisboa aproximadamente 400, uns 200 no Porto e talvez 30 em Santarém, filiados os das duas últimas cidades em sindicatos mistos, denominados «Ligas das Artes Gráficas»⁽¹⁾. Nos restantes centros industriais não há, no momento presente, organização sindical tipográfica. Os segundos, isto é, os impressores, estão inscritos, em número de 100, no Sindicato dos Impressores Tipográficos de Lisboa. Na Liga das Artes Gráficas do Porto acham-se agremiados operários impressores e encadernadores, além dos compositores, cujo número predomina⁽²⁾.

A quotização sindical dos compositores tipográficos de Lisboa é de 1 escudo por semana;

(1) Além dos agrupamentos sindicais supramencionados, existem os dos operários litógrafos de Lisboa e Porto, um por cada cidade, cuja população associativa, para qualquer deles, não atingirá mais de 50%, havendo, porém, que atender a que o número de profissionais litográficos em todo o país não deve atingir mais duns 400.

(2) Atendendo a que nas cidades menos populosas do país não existia número suficiente de profissionais de cada especialidade para a constituição de sindicatos de ofício (que não poderiam, segundo disposições legais, ser formados por menos de 21 operários), adoptou-se, para aquele efeito, o recurso de criar agrupamentos sindicais mistos, que abrangem todos os profissionais das artes gráficas (isto é, compositores, impressores, encadernadores e litógrafos), aos quais foi dada a designação de «Ligas das Artes Gráficas».



Grupo de militantes gráficos internacionais, entre os quais se vêem, além do delegado português, representantes das organizações tipográficas do Brasil.

(Ao centro o secretário-geral da Federação Tipográfica russa e, na extremidade esquerda, uma colega pertencente ao mesmo organismo).

a dos impressores, de 70 centavos; a dos restantes regula por esta última quantia.

Os sindicatos tipográficos existentes no país, segundo uma resolução adoptada no último Congresso Gráfico Nacional, realizado na cidade de Santarém, em 1925, serão em breve transformados em sindicatos de indústria, havendo também sido ali votada a constituição de comités de oficina (1).

O dia normal de trabalho é de 8 horas, horário que no ano de 1915 foi posto em vigor, mercê dum movimento iniciado para esse efeito pela Liga das Artes Gráficas do Porto, generalizado a breve trecho, pela Federação dos Trabalhadores do Livro

(1) Em Portugal têm-se realizado, até esta data, cinco congressos gráficos, o primeiro dos quais no Porto, no ano de 1905, que criou o organismo federativo inicial: a «União das Artes Gráficas»; o segundo, em Lisboa, em 1907, que substituiu aquela pela «Federação Tipográfica Portuguesa»; o terceiro, em 1915, em Coimbra, o qual votou a «Federação dos Trabalhadores do Livro e do Jornal»; o quarto em Évora, no ano de 1916, que aprovou o projecto para a fundação das Escolas Profissionais Gráficas, que o deputado Luís Derouet, então administrador da Imprensa Nacional, se propunha apresentar ao Parlamento; o quinto e último em Santarém, no ano de 1925, onde foi votado o princípio dos Sindicatos de Indústria, em Portugal mais conhecidos por «Sindicatos Únicos».

Além dos supramencionados Congressos, efectuou-se em Lisboa, em 1913, uma «Conferência Sindical Gráfica», de que participaram os Sindicatos dos Compositores e Impressores da capital, conferência onde foi votada, em princípio, a nova estrutura federal, submetida ao Congresso de Coimbra, de 1915, que a sancionou.

e do Jornal, a todo o país, sendo as horas extraordinárias pagas a dobrar, isto é, com 100 % de aumento, regalia que em Lisboa é geralmente respeitada, não o sendo, porém, no resto do país.

Há alguns anos, as organizações sindicais tipográficas de Lisboa, cumprindo as directrizes da respectiva Federação e após renhida luta com o patronato, conseguiram o estabelecimento do salário mínimo — uma inovação em Portugal —, que foi fixado em 21\$00, não tendo sido possível torná-lo extensivo aos operários encadernadores, que é a corporação gráfica mais mal remunerada e cujo patronato emprega mulheres em número considerável, profissionais que têm vencimentos inferiores aos dos homens. Como, porém, a maioria dos tipógrafos recebe salários mais elevados do que aquele, a média pode ser computada em 22\$00. No Porto, a segunda cidade do País, do ponto de vista industrial, os salários são menores, não indo a média além de 18\$00, mais baixos sendo ainda nas restantes localidades.

Nos quotidianos da manhã, em Lisboa, o salário é de 27\$00 e, nos da tarde de 24\$00, estando compreendido nestes quantitativos o pagamento da distribuição e o tempo de paragem, e são igualmente pagos os dias de folga (um por semana) e os feriados, conquista da organização sindical dos gráficos, que não conseguiu ainda generalizá-la às casas-de-obras, apesar de reiteradas tentativas feitas com esse objectivo.

Graças à acção reivindicativa do Sindicato dos Compositores Tipográficos de Lisboa, está esta-

belecido o regime de trabalho a jornal na maioria dos quotidianos, somente vigorando ainda o sistema de tarefa (ou empreitada) em três deles, devendo, porém, aquela conquista generalizar-se em breve.

Apenas cinco dos quinze quotidianos que se publicam em Portugal possuem máquinas de compor (*Linotype*), em número dum quinzena nas cidades de Lisboa e Porto, havendo também outra *Linotype* na Imprensa Nacional (1) e mais duas numa casa-de-obras da capital, sendo os salários dos operários linotipistas mais elevados que os dos compositores manuais.

A Imprensa Nacional de Lisboa (estabelecimento do Estado) tem ao seu serviço cerca de 600 funcionários (2), sendo os respectivos profissionais gráficos os que, à excepção dos dos jor-

(1) Na data em que se publica esta brochura todos os jornais diários de Lisboa e Porto são compostos mecânicamente, e as casas-de-obras mais importantes também possuem máquinas de compor. Predominam as dos sistemas *Linotype* e *Intertype*, se bem que haja algumas casas-de-obras que dispõem de *Monotypes*, umas dez em Lisboa e Porto. Segundo uma comunicação que o Grémio Nacional dos Industriais Gráficos apresentou, em 1957, ao Congresso a que já aludí, existiam, naquele ano, 301 máquinas de compor no País e 354 operários linotipistas. É ainda o citado Grémio que afirma que o número de máquinas de impressão, inclusive as rotativas de jornais, era, no mesmo ano, de 3:785. Actualmente a Imprensa Nacional possui 17 máquinas de compor e 34 de impressão.

(2) Averigüei, recentemente, que o número exacto era de 582, assim distribuídos: 131 compositores tipográficos,

nais, vencem salários mais elevados na indústria, o mesmo sucedendo em relação aos de algumas das restantes tipografias privativas de vários departamentos do Estado, isto é, dos que exercem a sua actividade profissional nas oficinas correspondentes aos Ministérios da Armada e da Agricultura, Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras (1), Caixa Geral de Depósitos, Santa Casa da Misericórdia, etc., que levantam, em média, perto de 29\$00 diários, trabalhando à tarefa, resultando, porém, mais altos os vencimentos dos gráficos da I. N., atendendo a que estes fazem,

56 impressores, 38 encadernadores (neste número compreendidas 17 mulheres), 30 fundidores de tipo (incluídos 4 aprendizes), 11 revisores tipográficos (todos saídos dentre os compositores), 8 litógrafos (incluindo 1 mulher), 9 profissionais de gravura, 60 operários da oficina de alçado (compreendidas 16 mulheres), 1 mestre e 1 contramestre da escola tipográfica, a qual preparava 13 alunos; 82 profissionais aposentados, na sua maioria gráficos, e entre o pessoal alheio às artes do Livro conta ainda a I. N. operários serralheiros, carpinteiros, electricistas, empregados de armazéns de material de venda de tipo e de impressos, da caixa de socorros, do balneário, da mercearia, da cantina e dos serviços gerais, e serventes, independentemente do administrador geral e empregados da secretaria, da tesouraria e da inspecção, que, com os profissionais gráficos, totalizam o número supramencionado.

(1) Posteriormente foram encerradas estas três tipografias, assim como a da Imprensa da Universidade de Coimbra e a da Biblioteca Nacional de Lisboa, tendo quase todo o pessoal das quatro primeiras transitado para a Imprensa Nacional, assim como o material aproveitável.

geralmente, duas horas extraordinárias, que são pagas a dobrar (1).

Os profissionais gráficos do mesmo estabelecimento do Estado possuem um organismo sindical próprio — o Sindicato do Pessoal da Imprensa Nacional — que conta 400 sócios, embora alguns dos seus componentes se encontrem também filiados nos respectivos agrupamentos de ofício, vindo a propósito salientar que um bom número dentre eles tem militado não só nos organismos sindicais gráficos de tendência mais avançada, mas também nas fileiras do Partido Socialista Português e outros agrupamentos ideológicos da vanguarda. O Sindicato em referência mantém um *Boletim*, denominado *A Imprensa*, de publicação irregular.

O Sindicato dos Compositores Tipográficos de Lisboa, que conta 24 anos de existência (antes existira a Liga das Artes Gráficas, que agremiava compositores, impressores e encadernadores), é aderente à Federação dos Trabalhadores do Livro, Jornal e Similares e, por seu intermédio, à Confederação Geral do Trabalho, que segue a orientação anarco-sindicalista, estando esta última, por sua vez, ligada à Associação Internacional dos Trabalhadores, com sede em Berlim.

(1) Em 1928 conseguiram os profissionais gráficos da Imprensa Nacional — a exemplo do que fora conquistado pela organização sindical para os tipógrafos das casas-de-obras e dos quotidianos — a adopção do regime de trabalho a jornal.

O Sindicato em referência, que desde 1910 se integrou nos métodos sindicalistas-revolucionários — havendo participado activamente em quase todos os movimentos de carácter social, inclusivamente em numerosas greves de solidariedade para com várias corporações operárias, levadas a efeito pela União dos Sindicatos de Lisboa e também pela Central de Sindicatos —, tem batalhado nos Congressos Sindicais e fora deles (no propósito de contribuir para a unidade de acção da classe operária portuguesa) pela independência da C. G. T. face aos três agrupamentos internacionais existentes, embora defendendo o critério de que deve manter com todos eles relações cordiais.

A Federação dos Trabalhadores do Livro, Jornal e Similares, que sucedeu à Federação Tipográfica Portuguesa, tem presentemente no seu seio, além do Sindicato dos Compositores Tipográficos, as Associações dos Impressores, dos Encadernadores e dos Litógrafos de Lisboa e as Ligas das Artes Gráficas do Porto e de Santarém. Publica, com irregularidade, *O Gráfico*, o qual substituiu na Imprensa o mensário *A Tipografia*, que fora o Boletim da Federação Tipográfica Portuguesa até ao desaparecimento desta.

Em consequência da censura que a ditadura militar vem exercendo sobre a Imprensa, estão suspensos vários quotidianos, o que, aliado ao facto de ter sido violentamente suprimido o diário sindicalista *A Batalha* (que era o porta-voz da C. G. T.), determinou considerável *chômage* na corporação tipográfica, sendo os operários desem-

pregados auxiliados com o produto da quotização semanal de 2\$50, que, há mais dum ano, é mantida por uma parte dos colegas que trabalham, principalmente dos que exercem a sua actividade nos jornais.

Moscóvia, Abril de 1928.

VIAGEM À UCRÂNIA

UMA vez terminadas, em Moscóvia, as múltiplas reuniões de carácter sindical de que participaram os delegados de vários países, foram-lhes proporcionadas excursões ao Cáucaso, a Leninegrado e à Ucrânia. Da delegação portuguesa apenas quatro dos seus componentes tomaram parte em tais excursões, visto que o quinto seguira para Portugal após a realização do Congresso da Internacional Sindical Vermelha. Coube a dois dos aludidos delegados portugueses a visita a Leninegrado, ao terceiro a ida ao Cáucaso e ao quarto, que era eu, à Ucrânia.

Assim, em 18 de Abril de 1928, cerca da meia-noite, tomava lugar, numa das grandes estações do caminho de ferro da capital da Rússia, em ampla carruagem especial, que fora atrelada a um comboio semi-rápido, a qual carruagem, convenientemente aquecida — pois a neve não cessara de tombar —, dispunha de dez cabinas com camas duplas, em sistema de beliche, independentemente dos compartimentos destinados à cozinha, casa-de-banho, restaurante e um pequeno *bar*.

Éramos vinte excursionistas, além do pessoal normalmente adstrito à carruagem, compreendido

um excelente cozinheiro que, quando não nos apresentava alimentos sólidos, nos mimoseava com aromático chá, o que sucedia com frequência.

O dirigente do grupo, que representava o *Profinterne*, era um simpático confrade russo que vivera em Paris durante uns 15 anos, onde não frequentara apenas os clubes revolucionários, mas também a Sorbona, e que falava, além da sua língua, mais cinco, incluída a francesa, é óbvio.

Durou quatro dias a viagem de Moscóvia à capital da Ucrânia, só interrompida por raras paragens do comboio, incluída uma, de seis horas, em centro mineiro importante, a única ocasião em que não almoçámos na carruagem, ao contrário do que sucedera no decurso dos outros dias.

*
* *
*

Nesse centro industrial descemos a uma mina de sal-gema, que tinha de profundidade 120 metros, mina que percorremos demoradamente e que representou uma visita interessantíssima, não só para mim, que pela primeira vez penetrava num enorme subterrâneo constituído por jazigos naturais de sal, mas também para a maioria dos companheiros de viagem, alguns dos quais conheciam minas de carvão, nanja nenhuma provida daquela substância rochosa.

Informaram-nos os camaradas cicerones de que a região era fértil em jazigos do minério em refe-

rência, pertencentes a formações geológicas antigas, acrescentando, porém, que a mina em que nos encontrávamos vinha sendo explorada havia apenas 50 anos, e que só depois de 1920 fora intensificada a sua exploração, o que explicava a circunstância de ter duplicado a extracção de sal desde aquela última data até à da nossa visita.

Os métodos adoptados para o efeito — acrescentaram — eram idênticos aos usados em relação aos outros minerais, especialmente ao carvão, ou seja, escavando as galerias e retirando o sal em fragmentos, com a particularidade de o produto mais puro ser precisamente o que se colhia nas jazidas que ficavam a maior profundidade.

Percorrendo a mina, que era constituída por seis galerias, mostraram-nos os camaradas que ali trabalhavam não só as imponentes rochas donde se extraía o minério, mas também — e o facto representou para todos os visitantes uma autêntica surpresa — duas amplas e sólidas salas inteiramente construídas em sal-gema, uma das quais com tamanha capacidade que nela se realizara, em 1923, um congresso constituído por numerosos delegados operários da indústria e onde por vezes se levavam também a efeito espectáculos teatrais, bailes e outras festas a que assistiam os mineiros e suas famílias! E não vá supor-se que aquelas salas fossem mais frias que as dos restantes edifícios, porquanto nenhum dos visitantes deu por isso, antes acharam a temperatura agradável.

E como se o que estávamos observando não bastasse para nos deixar boquiabertos, que lobri-

garam os nossos olhos atónitos, numa das extremidades da mesma sala? Simplesmente isto: uma estátua de Lénine, em tamanho natural, esculpida igualmente em sal-gema, este de cor azulada, trabalho de um escultor saído de entre os mineiros! E na sala contígua, e também esculpida num outro bloco de sal-gema, achava-se uma segunda estátua, esta representando o ex-proprietário da mina, um antigo general do exército russo, que muito contribuíra para que ali se iniciasse a exploração do rico produto mineral, demonstração que trazia o reconhecimento do povo da localidade para com a sua memória, não obstante se tratar dum militar que servira o Czar.

Terminada a curiosíssima visita e regressados à superfície, foram oferecidos a cada um dos delegados dois pequenos blocos de sal, um em bruto, o outro refinado, blocos que, pelo que me respeita, e apesar das boas e más andanças vagamundísticas que registo, ainda conservo.

Depois dos visitantes terem almoçado na cantina dos camaradas mineiros, visitámos o respectivo clube, que se achava instalado numa antiga igreja, clube que dispunha duma biblioteca constituída por 16:000 volumes, os quais não se encontravam ali apenas como ornamento, porquanto muitos deles eram periódicamente lidos pelos operários da região, especialmente os mineiros.

Volvendo, com os restantes excursionistas, ao comboio, éramos imediatamente mimoseados com um delicioso chá, servido na carruagem pelo camarada cozinheiro, bebida acompanhada de excelen-

tes «bolos moscovitários», após o que a caravana seguiu a caminho de Kharkov, onde arribou noite alta.

*
* *
*

Fomos fraternalmente acolhidos por um numeroso grupo de representantes dos organismos sindicais e do governo soviético da capital da Ucrânia, região que era naquela época, e suponho que será ainda hoje, a mais rica da U. R. S. S., quer do ponto de vista industrial, quer agrícola, sendo talvez por ocupar, sob este último aspecto, posição assaz privilegiada na economia do país que se atribui a Lénine a expressiva frase de que «a Ucrânia é o coração da Rússia».

Instalados num dos principais hotéis de Kharkov, foram-nos proporcionadas numerosas visitas. Limitamo-nos a recordar, rapidamente, além das duas que com maior extensão relataremos em último lugar as seguintes: aos mais importantes estabelecimentos industriais, químicos e agrícolas, todos eles fortemente mecanizados; aos altos-fornos eléctricos, de uma enorme importância no domínio da electrometalurgia; a várias policlínicas, admiravelmente instaladas em amplos edifícios e providas da mais moderna aparelhagem; ao palácio do Governo da República; à «Casa da Indústria», uma construção monumental que se estava erguendo nos subúrbios da cidade; ao 4.º regimento militar da região, denominado «Bandeira Vermelha»; ao teatro lírico, onde assistimos a um

espectáculo constituído por uma curiosa opereta a que não faltavam as características danças e canções regionais; à Casa dos Estudantes e aos Clubes Metalúrgico e Mineiro, no segundo dos quais se achava patente uma exposição de trabalhos de pintura executados por operários das minas, alguns daqueles excelentes pela concepção e também pela execução, tendo sido seleccionados cinco dos expositores, a quem foi proporcionada a admissão na Academia de Pintura.

Estivemos igualmente na Casa dos Escritores Ucranianos, em cuja sala principal se encontrava exposto um belo retrato, a óleo, do falecido escritor francês Henrique Barbusse, que poucos meses antes se detivera em Kharkov, a convalescer duma grave enfermidade.

Numa das noites visitámos uma casa-de-reposo (a que chamavam «Sanatório») destinada aos operários dos dois sexos que apresentassem débil constituição física, isto é, predisposição para a tuberculose, os quais, quando não tivessem família, largavam, diàriamente, o trabalho pelas 15 horas e se dirigiam, em viatura, para a aludida casa-de-reposo, instalada num amplo edifício que se erguia no meio dum pinhal situado na periferia da cidade e onde passavam sossegadamente a noite, recebendo alimentação propícia, para regressarem na manhã seguinte aos locais em que exerciam funções compatíveis com as suas possibilidades físicas.

Ficaram deveras contentes com a nossa visita os camaradas ali internados, os quais, como é de

calcular, nos encheram de perguntas acerca das condições em que vivia o operariado dos países a que pertencíamos. Mostraram-se tão satisfeitos que formando, por fim, numa das salas, numeroso grupo, não se escusaram de proporcionar-nos — era já noite alta, o que quer dizer que foi medíocre o seu repouso naquele dia — a audição de lindas canções, entoadas em coro pelos confrades dos dois sexos, tendo-se dado até o caso de alguns pares, de compleição física menos débil, nos haverem deliciado com a exibição das lindas danças ucranianas.

Escusado será acrescentar que nos retirámos admiravelmente impressionados.

*
* *
*

No dia seguinte era-nos proporcionada uma outra visita deveras interessante: a descida a uma mina de carvão, nos subúrbios de Kharkov.

Na de sal-gema tinham participado todos os delegados, mas à segunda descida apenas concorreram seis, incluída a minha pessoa, tendo os restantes ficado à superfície.

Pela parte que me diz respeito, esclarecerei que se participei do sexteto não foi porque pertencesse ao número dos mais afoitos, mas simplesmente porque a leitura do *Germinal*, o grande livro de Zola, me causara tamanha impressão que aguçara em mim o desejo de, na primeira oportunidade que se me oferecesse, tentar experimentar a sensação de conhecer a áspera vida das tou-

peiras humanas, quando em plena actividade profissional.

A fim de descermos ao fundo da mina que tínhamos ante nós — a qual registava uma profundidade de 600 metros — tivemos de equipar-nos com o fato de mineiro, sem excluir o capacete, e também de munir-nos da característica lâmpada.

Confesso que, ao tomar lugar num ascensor que, além de negríssimo do carvão, gotejava água — o qual ascensor nos conduziu, num minuto, às profundidades da mina —, recordei ao vivo a impressionante descrição que Zola faz, no seu *Germinál*, da descensão dos grupos de operários dos dois sexos, em churriões de ferro, fortemente incómodos. E apesar de não termos descido empilhados, como sucedia com aqueles, e de desfrutarmos de melhores condições de segurança, a verdade é que desde que o ascensor começou a deslizar até ao momento em que nos despejou lá em baixo, mantive-me como que aturdido.

Uma vez no âmago do antro, sem termos a noção do sítio em que nos achávamos, pois a densa escuridão só era debilmente quebrada pela fraquíssima claridade da lâmpada Davy, de que cada um de nós ia munido, conduziram-nos — tendo atravessado, para o efeito, algumas furnas negras e tropeçando pelos carris — a uma das numerosas galerias, onde laboravam toupeiras humanas — um grupo de dez mineiros, que, quase nus, ali exerciam seu penosíssimo labor.

Encafuados num dos estreitíssimos carreiros, que se sobrepunham, estavam aqueles homens

colocados em posição horizontal e como que entalados entre as tábuas que seguravam o carvão e o tecto formado pela rocha negra, arrancando, a golpes de picareta, a hulha dos veios que por ali passavam, por vezes suportando temperaturas que atingiam 30 graus e mais, outras sob um frio húmido e com a rocha a gotejar água. Quase às escuras, pois achavam-se somiticamente alumados pelas lâmpadas individuais (que são rodeadas, como é sabido, de uma teia metálica), perfuravam esforçadamente, em tão incómoda posição, a negra hulha, cujos blocos, depois de partidos em pequenos fragmentos, eram atirados, entre espessa poeirada, para as vagonetas, postadas próximo. Estas, uma vez cheias, ganhavam, empurradas a braço por gradadores dos dois sexos, um plano inclinado, donde seguiam sobre carris para o posto de recepção, quando não adregava serem puxadas por cavalos.

Fortemente impressionados ante labor tão duro, fomos depois levados, pelos camaradas que nos serviam de cicerones, a uma outra galeria que ficava em local mais elevado, esta situada não em sentido plano, como aqueloutra, antes apresentando saliente declive, galeria constituída por camadas superiores e laterais de carvão, o qual era suportado por fortes madeiramentos.

Tendo-nos aqueles confrades feito sentar numa espécie de capacho escorregadio, percorremos, atrás deles, 120 metros de um estreito corredor com várias bifurcações e ao fundo do qual havia um grande precipício. Ladeando este, achava-se

uma fileira de vagonetas destinadas a recolher a hulha, sempre que os mineiros procediam ao seu desarraigamento na mesma galeria, o que sucedia com menos frequência do que nas restantes, porque o carvão de melhor valia era o que se retirava dos veios que corriam a maior profundidade, exactamente como sucede com o sal-gema. Quiseram assim submeter os visitantes a uma variante da perigosa lida dos mineiros, pois estes, para arrancarem o carvão da íngreme galeria que percorrêramos tinham de fincar os pés nas paredes, sem o que, resvalando, se arriscavam a cair no precipício.

*
* *

Apesar dos melhoramentos introduzidos naquela mina — uma das dezasseis que ao tempo existiam na região —, não deixámos de encontrar velhos cavalos em lúgubres galerias, alguns dos quais havia mais de dez anos que não eram afagados pela luz do sol, nem tão-pouco o perigo da asfixia se achava então afastado, se bem que os militantes da organização sindical dos mineiros — organização que já conseguira o dia normal de 6 horas para os operários que actuavam nas galerias (os que exerciam a sua actividade à superfície tinham então 8) — nos tivessem assegurado que, dentro de pouco, mercê da electrificação dos serviços mais penosos, as condições de trabalho dos mineiros da U. R. S. S. sofreriam uma transformação profunda, em sentido melhor, é óbvio.

Ao regressarmos à superfície com a cara mascarada e o fato sujíssimo, como se autênticos mineiros fôssemos, a impressão de alívio que sentimos ao saltar do ascensor, isto é, ao revermos a luz do dia, não foi menos agradável do que a experimentada, logo a seguir, sob o duche que nos proporcionaram numa das amplas cabinas onde os mineiros se libertam exteriormente das poeiras que trazem dos tenebrosos locais em que mourejam.

Foram-nos depois mostrados: o clube, com a sua bem provida biblioteca; um museu de história natural; as escolas para os filhos dos operários; as policlinicas; alguns dos primeiros prédios dum dos bairros destinados à população trabalhadora; enfim, todas as instituições culturais e sociais próprias dum grande centro industrial como aquele.

Mas não havia maneira de atenuar-se no meu espírito a sensação tremenda que trouxera da descida à mina, pois não se obliterara a recordação da existência trágica que os trabalhadores do subsolo suportam. É que, na verdade, quer pela situação incómoda em que têm de arrancar a hulha, sempre na iminência de serem esmagados por um dos grandes blocos, quer pela permanente ameaça de envenenamento pelo grisu (o gás explosivo que ceifa amiúde centenas de mineiros em todo o mundo), quer ainda pelo perigo das inundações, também muito frequente, são dos profissionais que mais em risco têm a vida.

Sei que a U. R. S. S. remunera bem os mineiros, sendo mesmo estes os operários que mais

altos salários auferem, se bem que trabalhassem, então, de empreitada ou à tarefa, regime que nada tem de recomendável, antes pelo contrário.

Mas entendo que não só na Rússia, mas em todo o mundo, não direi já por um sentimento de gratidão para com esses esforçados trabalhadores, mas pelo respeito que a vida humana deve merecer, se impunha proporcionar-se-lhes estas duas prerrogativas :

1.^a Um horário de trabalho que não excedesse metade do que têm os operários das restantes profissões ;

2.^a A aposentação aos 50 anos de idade, a fim de que homens e mulheres que passaram muitos milhares de horas sem ver a luz do dia e que, além disso, estão intoxicados pelas emanações dum gás daninho, possam ser aquecidos pelo sol durante os anos que lhes restarem de vida e encher os pulmões de oxigénio salubre.

Há 32 anos raciocinava assim, e hoje, que vejo muitíssimos homens de ciência empenhados quase exclusivamente com problemas respeitantes aos astros, isto é, às alturas, lamento que se não debrucem também sobre as questões concernentes às funduras da terra, não obstante as toupeiras humanas extraírem do subsolo, à custa de inenarrável sofrimento, materiais que aqueles cientistas utilizam nos seus maravilhosos instrumentos de propulsão, nem sempre — ai de nós ! — para benefício da espécie humana.

VIII

DE VOLTA À CAPITAL DA RÚSSIA

COMO se avizinhava o 1.º de Maio e a delegação operária, de que eu fazia parte, estivesse empenhada em assistir às manifestações que iam efectuar-se em Moscóvia — desejo que aliás condizia com o do comité executivo da Internacional Sindical Vermelha —, retomámos a carruagem especial que nos havia conduzido a Khar-kov, depois de uma despedida afectuosíssima por parte dos militantes sindicais da cidade e bem assim pela dos representantes do governo federal da República Ucraniana, que em elevado número nos acompanharam à estação do caminho de ferro.

Uma vez instalados na aludida carruagem, e como, ao iniciar a locomotiva a sua marcha, houvésemos sido ruidosamente saudados pelos confrades ucranianos, despertou o facto, como é natural, viva curiosidade entre as pessoas que viajavam naquele comboio, especialmente por banda de muitos marinheiros que igualmente seguiam para a capital da U. R. S. S.

Assim se explica que, na primeira estação em que o comboio se deteve, recebêssemos a visita duma comissão delegada de duas forças de mari-

nheiros pertencentes às esquadras do Mar Negro e do Báltico, forças que se dirigiam expressamente a Moscóvia, para participarem da parada que nesta cidade se efectuava no dia 1.º de Maio. Suponho que será desnecessário acrescentar que fizemos uma recepção cordialíssima aos visitantes.

Ia a aludida comissão — constituída por cinco alentados marinheiros — levar-nos as suas saudações e as dos camaradas, e como estes também pretendiam abraçar-nos, havia recebido o encargo de convidar-nos, em seu nome, para na próxima paragem do comboio a acompanharmos a uma das carruagens em que as aludidas forças viajavam, convite a que, como é óbvio, aquiescemos do melhor grado.

Entretanto, entrava em cena o camarada intérprete que nos acompanhava desde Moscóvia, o qual nos informou de que os visitantes — aos quais, como não podia deixar de ser, foi servido chá —, se colocavam à nossa disposição para lhes fazermos as perguntas que quiséssemos formular-lhes.

Depois de alguns dos delegados sindicais estrangeiros terem interrogado os marinheiros sobre a potencialidade da armada russa naquela época, de pedirem para que lhes explicassem se a alimentação era suficiente e ainda se, no que respeitava a disciplina, as normas que regem as forças de marinha eram acatadas sem constrangimento, responderam aqueles que, mercê da reorganização de que a marinha fora objecto,

estava esta apta a cumprir o seu papel, acrescentando que era com a maior alegria que todos ocupavam os seus postos e que se consideravam não só soldados da U. R. S. S., mas também do proletariado internacional, o qual podia contar com eles, como eles, por sua vez, contavam com a solidariedade dos operários e camponeses de todos os países democráticos. Quanto a disciplina, afirmaram que era então incomparavelmente mais firme do que nos tempos do czarismo, disciplina que qualificaram de voluntária. No que respeitava a alimentação, não se verificava o que sucedia antes de Outubro, em que, por vezes, os marinheiros tiveram de revoltar-se por lhes darem carne putrefacta (1). A diferença — acentuaram — era profunda, e a prová-lo estava a circunstância da alimentação servida aos marinheiros ser precisamente a mesma que é destinada aos respectivos oficiais, visto que a cozinha era comum.

Coube depois a vez aos marinheiros russos de interrogarem os delegados dos sindicatos. Esperávamos nós que, em reciprocidade com as perguntas que lhes dirigíramos, quisessem saber as circunstâncias em que viviam os marinheiros dos países a que pertencíamos, mas não sucedeu

(1) Numa sessão cinematográfica a que assisti, em Moscóvia, foi projectado um filme — *Revolta do Potemkine* — cuja acção se desenrolava, em 1905, a bordo do couraçado que tinha aquele nome, revolta que tivera a sua origem na má alimentação servida à tripulação do aludido barco de guerra.

assim, pois semelhante pergunta nem sequer foi esboçada. O que primeiro quiseram saber foram as condições de salário, horário de trabalho e de assistência social dos trabalhadores dos países ocidentais e, uma vez inteirados a tal respeito, surgiram estas duas interrogações, aliás frequentes na boca de todos os Russos com quem contactámos: «Como encaram os operários dos vossos países a nossa Revolução? Na hipótese duma guerra contra a U. R. S. S., dar-nos-iam a sua solidariedade?»

Após novas indagações, todas elas denotando, por banda dos nossos hóspedes, o mais vivo interesse relativamente ao que respeitava à situação social do operariado do Ocidente, como tivesse parado o comboio, fomos conduzidos a uma das carruagens em que seguia parte do contingente dos marinheiros, tendo sido recebidos por estes e pelo seu comandante — um vigoroso homem dos seus 40 anos, que não ostentava qualquer distintivo especial — com as mais fraternas aclamações.

Uma vez feita, pela comissão delegada, que connosco estivera, uma síntese da conversa que tivéramos, novas e quentes manifestações de simpatia nos foram prodigalizadas, ao que os delegados estrangeiros responderam cantando o hino revolucionário italiano *Bandeira Vermelha*, que provocou um entusiasmo indiscreto entre os marinheiros, os quais, por seu turno, entoaram *A Internacional*, secundada pelos delegados, que, a seguir, romperam com a canção francesa *La*

Carmagnole, entre as mais vivas manifestações de júbilo por parte dos marinheiros.

Estes, por sua vez, entoaram, num afinadíssimo coro, algumas das canções russas que então estavam em voga, dentre as quais sobressaíam as ucranianas, das mais lindas que temos ouvido até hoje.

Findou a visita (pois aproximava-se a noite) com *A Internacional*, cantada em conjunto, tendo ficado assente que no dia seguinte nos dirigiríamos à outra carruagem em que seguiam os restantes marinheiros que naquele dia não pudéramos saudar por o comboio, que marchava a grande velocidade, não se ter detido em nenhuma das estações antes daquela em que saíramos para reocuparmos os nossos lugares.

*
* * *

Efectivamente, na tarde do dia imediato, numa das raras paragens do *rápido*, ganharam os delegados sindicais a segunda carruagem dos marinheiros, onde foram por estes recebidos com vivíssimas saudações, logo seguidas pelo canto de *A Internacional*. Uma vez instalados, tiveram os visitantes de repetir os hinos que haviam cantado na véspera, ao que os marinheiros responderam com canções russas.

E tamanha foi a alegria daqueles que, não obstante o recinto ser exíguo — se bem que as carruagens soviéticas fossem mais largas do que

as portuguesas —, dentre os marinheiros se destacaram alguns grupos, que exibiram, ao centro do vagão, danças eslavas e outras, todas de grande vivacidade, ao som de instrumentos de corda, quando não eram acompanhados a canto coral.

Nota curiosa: Alguns dos marinheiros, para nada perderem do improvisado, mas excelente espectáculo, à falta de espaço, alcandoraram-se na parte superior da carruagem destinada ao transporte das malas-de-mão, ficando eu pasmado ante a maneira como se equilibravam, numa acrobacia espantosa.

Era já noite quando deixámos a carruagem para retomarmos a que nos fora reservada.

Escusado será acrescentar que nos retirámos sensibilizadíssimos pelas agradáveis horas de confraternização vividas. E ainda hoje recordo com funda saudade aqueles dois dias, dos mais tocantes que passei em terras russas.

IX

TRÊS VISITAS INTERESSANTES

DE novo em Moscóvia, foram-nos proporcionadas três importantes visitas, na antevéspera do 1.º de Maio: a primeira, na noite de 28 de Abril, às instalações do grande quotidiano *Izvestia* («Novidades»), que é o segundo dos mais categorizados jornais da Rússia, ao tempo com sua tiragem de perto de um milhão de exemplares, tendo a visita — efectuada na hora de maior azáfama, isto é, quando, em todas as secções, se trabalhava activamente na preparação do número que deveria aparecer dali a pouco — resultado interessantíssima, sobretudo para a minha pessoa, na qualidade de profissional gráfico, embora pouco encontrasse de diferente em relação a outros categorizados jornais que já conhecia.

Há 32 anos, se bem que já então quase todos os diários de grande tiragem possuísem máquinas de compor, o número destas era, nas oficinas do *Izvestia*, de dez, o que representava, para a época, um progresso apreciável, porquanto poucos quotidianos dos países ocidentais contavam tão elevado número de *Linotypes*, que era o modelo mais vulgarizado. Independentemente, porém, da produção das supracitadas máquinas, era uma boa parte do texto composta manualmente, para o que

havia no *Izvestia* dois turnos de «caixistas» que executavam o trabalho a jornal, ao contrário do que então ocorria em quase todo o mundo, onde predominava o regime de tarefa ou empreitada.

Os *ateliers* de fotografia, de gravura e de estereotipia estavam providos dos mais modernos maquinismos e achavam-se óptimamente instalados, se bem que a tipografia, a redacção e a administração dispusessem, como é compreensível, de salas muito mais amplas.

Tanto na tipografia como na redacção foram os visitantes interpelados por vários confrades russos acerca das condições de trabalho nos países a que pertenciam, tendo aqueles, por sua vez, satisfeito a nossa curiosidade no que respeitava à sua situação profissional, económica e social.

Pelo que correspondia às máquinas de impressão, depararam-se-nos quatro imponentes rotativas que lamentámos não haver tido ensejo de ver vomitar papel, atendendo a que a nossa visita se efectuara a meio da noite e, como é sabido, a tiragem realiza-se pela madrugada.

Uma das secções que mais agradavelmente me impressionou foi a que correspondia à limpeza e conservação da saúde física dos profissionais que trabalhavam no *Izvestia*, porquanto, no capítulo de higiene, dispunham de instalações sanitárias simplesmente excelentes, como não encontramos melhor em quaisquer das tipografias que vimos tanto na França como na Bélgica, para não falarmos nas portuguesas, em geral deficientes.

* *

A segunda visita, que foi ao Kremlin, a célebre fortaleza moscovita — que era então, conforme é ainda hoje, a sede do governo soviético, como fora residência dos antigos czares —, merecer-me-á apenas uma perfunctória referência, porque seria estultícia da minha parte propor-me divagar sobre uma cidadela que tem sido descrita, em todas as línguas, por centenas de visitantes, alguns deles de alto coturno.

Limitar-me-ei a dizer que tendo calcorreado, na companhia de outros delegados, durante umas dilatadas três horas, boa parte do Kremlin — que, como se sabe, além de muitos templos, possui numerosos palácios, museus, alcáçares, arsenais, zimbórios, torres, etc., etc. — e apesar de havermos tentado ver o máximo possível, não lográmos admirar uma décima parte do que a famosa fortaleza ostenta de grandioso, sob todos os aspectos, inclusive o artístico e também o descomunal, como é, por exemplo, o célebre «sino do tsar», com seus 18 metros de circunferência e 6 de altura, nem sequer tendo nós conseguido penetrar na casa onde residiu Lênine, tantas eram as pessoas que aguardavam vez.

* * *

Saídos do Kremlin para tomarmos o almoço, empreendemos, logo após este, a terceira visita, esta de género diferente, mas não menos curiosa:

ao túmulo de Lénine, que fica em plena Praça Vermelha, a maior e a mais característica de Moscóvia.

Era o túmulo do grande revolucionário russo constituído por uma severa construção em madeira negra, ao longo da qual, todos os dias, a partir das 15 horas, se formava interminável *bicha*, composta por homens, mulheres e crianças e em que, geralmente, predominava o elemento da província, em especial o camponês, se bem que numerosos turistas de todos os países estivessem também ordinariamente presentes.

Sob os olhares percucientes de uma força de soldados armados do Exército Vermelho — postada junto da porta de acesso —, ao soarem as 17 horas nas aurifulgentes torres do Kremlin, que demora cerca, toda aquela mole humana se punha, lentamente, em movimento.

Coube-me a vez, na supramencionada tarde, de enfileirar, na companhia dos restantes delegados portugueses, entre a compacta multidão, e, confundidos com ela, marchámos morosamente, a passo de enterro, em filas de duas pessoas, não sem admirar o profundo recolhimento de tanta gente, que não pronunciava palavra.

Quando, enfim, nos coube a vez de penetrar no mausoléu, logo se nos deparou, descidos alguns degraus, numa sala forrada a vermelho, a urna de cristal em que repousava Lénine, a qual estava guardada por dois hercúleos soldados, de arma em sentido, metidos em seus amplos capotes de peles e imóveis como estátuas.

Na sua urna, um tanto inclinada e alumiada por potentes projectores, achava-se o cadáver do homem que fora, além de revolucionário dos mais portentosos, o primeiro chefe do governo soviético. De rosto sorridente, estatura menos que mediana, braços estendidos ao longo do corpo, calva luzidia e o busto envergando um casaco de caqui, dava-nos mais a ideia de uma dessas bem trabalhadas figuras de cera, que o Museu Grevin, de Paris, oferece aos olhos curiosos dos estrangeiros, do que a de um dos mais formidáveis combatentes que o mundo tem conhecido e que foi também um dos mais potentes cérebros do nosso tempo.

Circundando lentamente a urna, no mesmo passo ritmado, e à semelhança do que sucedera com as pessoas que nos haviam precedido, saímos por uma porta que ficava do lado oposto à da entrada, desfilando então ao longo do muro do Kremlin, entre os túmulos dos chefes revolucionários que ali se encontram (1).

(1) Depois da morte de Estaline, foi o cadáver deste conduzido para o mesmo túmulo, encontrando-se ao lado do de Lénine. Porém, ao contrário da apresentação, cheia de simplicidade, do cadáver deste, os despojos embalsamados de Estaline ostentam o grande uniforme de marechal da U. R. S. S., com três filas de condecorações.

O PRIMEIRO DE MAIO EM MOSCÓVIA

COMEÇAREI por dizer que o dia, ao contrário do que sucedera com os dois precedentes, que haviam sido de sol claro e quente, como os melhores que por vezes a Primavera nos proporciona em Portugal, apparecera carrancudo, tristonho, brumoso, tendo caído de madrugada algumas bâtegas de água — a primeira vez que chovera em Moscóvia, depois que lá pusemos pé.

Fortemente espicaçado pela curiosidade de observar como se comemorava o Primeiro de Maio na U. R. S. S., havia-me erguido cedo e, pelas 8 horas, engrolado o pequeno-almoço, tomava, na companhia de outros delegados operários estrangeiros e do *periboche* (intérprete), o rumo da Praça Vermelha, que ficava a pequena distância do hotel, a fim de ocupar lugar numa das tribunas que nos tinha sido reservada, tribuna que ladeava o túmulo de Lénine.

O acesso à Praça Vermelha, no Primeiro de Maio e àquela hora, isto é, antes do desfile do cortejo, era sòmente facultado a quem apresentasse bilhete dando direito à entrada em qualquer das tribunas e, mesmo assim, os detentores de tais senhas eram interpelados amiúde pela policia

da G. P. U., que mantinha um apertado serviço de fiscalização.

Instalado, finalmente, com muitos outros delegados estrangeiros, numa das aludidas tribunas, e iniciados já então os preparativos da parada militar — o primeiro número da manifestação —, assisti, ainda, à chegada de numerosos regimentos de todas as armas, os quais, com a correspondente banda de música à frente, marchavam ao som de *pase-calles* alegres, indo ocupar os lugares que previamente lhes tinham sido designados.

Meia hora volvida, já repleto o enorme quadrilátero de forças de terra e mar, soou o toque de sentido. Era o comandante militar de Moscóvia que, a cavalo, seguido dum clarim e do estado-maior, ia passar revista aos contingentes vermelhos, sendo recebido por estes com aclamações entusiásticas. A seguir, uma grande banda de música, constituída pelos executantes de quatro corporações militares, rompeu com *A Internacional*, que ecoou potente, vibrante, perfilando-se os soldados, fazendo o sinal de continência os oficiais, agitando-se, enfim, estandartes e bandeiras.

Surgiu então, também a cavalo, ladeado pelo comandante militar e por um ajudante de ordens, o comissário do povo para a guerra (Voroichilov, antigo operário metalúrgico)⁽¹⁾, o qual, por sua

(1) Na ocasião em que escrevo este capítulo, além de ter o posto de Marechal, desempenha o alto cargo de Presidente da República. Acrescentarei que é um dos poucos belcheviques que restam dos tempos heróicos.

vez, passou revista às tropas, detendo-se em frente de cada um dos batalhões apenas o tempo necessário para lhes dirigir rápida saudação, que era correspondida com formidáveis *hurrahs*. Depois, colocando-se ao centro das forças militares, proferiu um discurso reproduzido por potentes *haut-parleurs*, discurso, que terminava com a *Promessa*, espécie de juramento, repetido em coro pelos soldados, no qual estes se comprometem a defender por todos os meios, sem excluir, é claro, o das armas, o actual regime social da U. R. S. S. e bem assim a lutar esforçadamente contra os Estados capitalistas, o imperialismo, o fascismo, enfim, pela revolução do proletariado mundial, contando, para esse efeito, com o Exército Vermelho e o apoio das massas trabalhadoras de todo o mundo, pela mesma razão por que estas podem contar com o seu auxílio mais decidido.

Encontrava-me a uma boa distância da tribuna em que se alcandorava o elemento diplomático, isto é, os representantes dos países que ao tempo mantinham relações com a U. R. S. S., e para onde tinha visto seguir alguns adidos militares que reconheci por suas vistosas fardas. Não me foi possível, por isso, observar nesse instante se aquela gente assistia aparentemente impassível ao estranho espectáculo que se estava desenrolando ante seus olhos, mas quer-me parecer que, a despeito de, pela força do hábito, a sua máscara não exprimir de ordinário os sentimentos reais, os representantes do velho mundo

não se encontrariam perfeitamente à vontade. E o caso não era para menos, há que convir...

*
* *
*

Após a cerimónia da *Promessa*, coberta com os acordos d'*A Internacional*, executada por todas as bandas de música e cantada, simultaneamente, por muitos milhares de bocas, iniciou-se o desfile dos contingentes militares perante o túmulo de Lénine, na parte superior do qual tomavam lugar os comissários do povo que naquele dia se encontravam em Moscóvia, entre os quais se notavam Estaline, Rikov, Kalinine (1), etc.

Assisti então, durante cerca de quatro horas, à passagem ininterrupta das forças de terra e mar que haviam tomado parte na grande parada — uma das muitas que no mesmo instante se estavam realizando nas principais cidades da Rússia.

Não me proponho dar resenha de todos os corpos armados que passaram ante os meus olhos, o que aliás não seria fácil. Direi apenas que desfilaram nutridos contingentes de infantaria, lanceiros, metralhadoras, cavalaria, sapadores, artilharia ligeira e de campanha; esquadrões de polícia

(1) Kalinine, que foi, com Rikov, Estaline, Vorochilov e alguns outros (quase inteiramente desaparecidos) chefe da revolução bolchevique, era ao tempo o presidente da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, lugar que ocupou até 1946.

da segurança e da política, isto é, da G. P. U., um forte núcleo da marinha de guerra (parte do qual viera no mesmo comboio que me trouxera, dois dias antes, após a visita à Ucrânia); um regimento de ciclistas, um batalhão de estudantes chineses, que estavam tirando cursos em Moscóvia; um regimento militar ladeado de imponentes molossos (cães de raça bravia que, na guerra, farejam e se lançam sobre o inimigo); compactas secções de corpos de enfermagem, em que predominava o elemento feminino, vestindo de branco; um regimento constituído pelos famosos cossacos, montando corcéis de boa estampa, que atravessou a Praça à desfilada, etc., etc.

Depois sucederam-se numerosos batalhões de civis armados, alguns dos quais, constituídos por mulheres com classificação de atiradoras especiais, marchavam com grande garbo, e, fechando o cortejo militar, uma infinidade de viaturas, transportando aparelhagem de guerra de toda a ordem, serviços de telefonia, de radiotelegrafia, holofotes, automóveis blindados e numerosíssimos tanques de vários modelos, os últimos dos quais, altos e maciços como graníticas montanhas, são formidáveis instrumentos de destruição, pois despejam metralha por todas as faces.

Durante o desfile pairaram no espaço numerosas esquadrilhas de aeroplanos, uma das quais, destacando-se das restantes, formava um V, sinal correspondente ao mês de Maio, o quinto do calen-

dário, do mesmo passo que uma outra, a elevada altura, executava arriscados exercícios de acrobacia.

*

* *

Terminada, enfim, a parada militar — pálida amostra do que, no domínio das coisas de guerra, possuía a U. R. S. S. há 32 anos —, iniciou-se a segunda parte da manifestação: o desfile do cortejo operário, com representação muitíssimo mais vasta, como se compreenderá ao dizer-se que estive cerca de seis horas a assistir à passagem dos trabalhadores e funcionários civis que exerciam então a sua actividade em Moscóvia.

Surgiram, primeiro, espessas deputações dos numerosíssimos sindicatos, das cooperativas de produção e de consumo, do *Cominterne* (Internacional Comunista), do *Profinterne* (executivo da Internacional Sindical Vermelha), dos inumeráveis clubes de educação, seguidas pelo pessoal de todas as fábricas, com estandartes e bandeiras; associações de cultura física, com forte representação da mocidade dos dois sexos, rapazes e raparigas de braços e pernas à vela; estudantes das Universidades e do Instituto de Lénine, com importantes núcleos do elemento estrangeiro, sobretudo chineses e japoneses; mais operários armados (homens e mulheres); numerosos agrupamentos de pioneiros, os jovens com os seus distintivos vermelhos, as raparigas ostentando lenço da mesma cor, graciosamente descaído da nuca, e, a

intervalos, enormes cartazes em caracteres brancos sobre fundo rubro, com incitamentos ao proletariado de todo o mundo para que siga o exemplo revolucionário dos trabalhadores da Rússia.

A crítica do regime capitalista era feita, sobretudo, em carros alegóricos, alguns dos quais representavam bonecos articulados, com *charges* assaz contundentes para vários políticos da Europa e da América, atingindo especialmente os que, naquela época, se achavam em destaque por suas tendências conservadoras, como Poincaré, Chamberlain e Mussolini.

Por vezes, e sem que a marcha do cortejo fosse interrompida, abriam-se, ao longo daquele, pequenas clareiras, em que grupos constituídos por homens e mulheres, ao som de harmónios e bandolins, bailavam animadamente, exibindo outros grupos as características danças russas.

Quase todas as fábricas apresentavam as respectivas bandas de música, que executavam marchas, enquanto grupos orfeónicos entoavam canções revolucionárias, tendo eu visto, pela primeira vez, filarmónicas inteiramente constituídas por mulheres, que não só faziam soar, desembaraçadamente, vários instrumentos de sopro (como o trombone, o clarinete, o grandalhudo contrabaixo, etc.), mas que tocavam também bombo, pratos e caixa-de-rufo...

É claro que predominava o vermelho em toda a parte. Era essa a cor não só das centenas de pavilhões que flutuavam ao vento, mas também a que sobressaía na indumentária da gente moça,

especialmente das mulheres, tendo-me despertado a atenção, pela nota bizarra que oferecia, o desfile de compacto núcleo de raparigas dum dos numerosos grupos desportivos de Moscóvia, as quais, além de exibirem com louçania o lenço rubro, se apresentavam também de longa meia escarlata e, quiçá para que esta não passasse despercebida, quase haviam suprimido a saia, tão limitada esta era . . .

*

* *

Fora, na verdade, bem diferente do que estava habituado a ver em terras ocidentais aquela manifestação do Primeiro de Maio de 1928.

Não me despertara o desfile das tropas uma sensação diametralmente oposta à que poderia receber, em qualquer país de ordem capitalista, à passagem de grandes forças de terra e mar, a não ser no que aquele me oferecera de inusitado. Mas do que estava seguro é de que em nenhuma outra parte do mundo encontraria nas massas proletárias expressão que traduzisse tanta confiança no futuro.

Era noite quando regresssei ao hotel.

Porém — ai de mim! — naquela noite em que Moscóvia acendera todas as luminárias dos dias festivos, esteve o meu estômago em treva profunda . . . É que no fim da manifestação e quando, com formidável apetite, me preparava para jantar e almoçar ao mesmo tempo — pois, além do

pequeno-almoço, só comera uma diminutíssima *bucha* —, era-me dada a desconcertante notícia de que o pessoal do hotel, como sucedia, aliás, todos os anos pelo 1.º de Maio, pusera de parte tachos e caçarolas . . . Nem sequer me foi dado ingerir uma das insípidas sopas de maçã que me apresentavam amiúde. *Rien du tout* . . .

Fizeram os simpáticos *tovaritzes*, em suma, o que eu e muitos outros, anualmente, em terras lusíadas, aconselhávamos, debalde, naquele dia: abandonaram o trabalho em massa! . . .

ÚLTIMAS VISITAS

REALIZADA a manifestação do 1.º de Maio, começou a debandada dos delegados estrangeiros que haviam tomado parte no Congresso da I. S. V., e, em breve, tocaria a vez aos portugueses. Antes, porém, da nossa saída de Moscóvia, fizemos ainda algumas visitas deveras curiosas, nomeadamente à fábrica «Dínamo», à catedral de S. Salvador e a uma escola primária situada no centro de Moscóvia.

Na fábrica «Dínamo», que era uma das mais importantes da cidade, manufacturavam-se ao tempo, além de outros maquinismos, motores eléctricos e vagonetas electrificadas, estas últimas destinadas ao transporte de mercadorias nas estações dos caminhos de ferro.

Fundada em 1900 por um industrial belga, de 400 operários que contava no seu início, passou a ter 3:000 por ocasião da guerra entre a Rússia e o Japão, mantendo, após esta, uma média de 2:000. Em 1905 houve no estabelecimento uma importante greve que, de movimento económico, se transformou em insurreição política, ten-

do-se generalizado ao operariado das restantes fábricas e oficinas. Fracassada a insurreição, foram deportados para a Sibéria os militantes mais activos, jamais deixando os seus camaradas de pelear no sentido de abreviar não só o regresso dos deportados, mas também a queda do tzarismo, para o que efectuaram, sucessivamente, novas e renhidas greves. Em 1917 assumiam os operários da «Dínamo» a direcção da fábrica, o que contribuiu decisivamente para a vitória da revolução.

Como um dos delegados que connosco visitaram a fábrica fosse de cor — camarada que representava um agrupamento sindical de Cuba —, mostraram-se as operárias duma das oficinas por onde passámos (operárias que se contavam por centenas), deveras empenhadas em saber se no país que aquele camarada representava os homens da mesma cor tinham regalias idênticas aos brancos, e ao serem inteiradas de que, sob tal aspecto, não havia distinção entre brancos e negros, ficaram surpreendidas, pois sabiam que não sucedia o mesmo na América do Norte, nem na África do Sul, onde as pessoas de cor eram e são perseguidas e vexadas.

Sabemos que a fábrica «Dínamo» — que já era assaz importante há 32 anos, conforme dizemos acima — continua registando sucessivos progressos, sendo curioso anotar que também nos domínios do futebol se tem salientado o seu pessoal, não só na Rússia, mas até na Europa, pois recorde-me de haver lido que o grupo futebolístico

constituído por elementos daquele pessoal vencera, há anos, o melhor *team* inglês num jogo realizado em Londres.

* * *

Quando visitei, com delegados de outros países, a catedral de S. Salvador, tive ensejo de verificar que havia em Moscóvia muita gente que frequentava aquele templo, a maior parte da qual, todavia, não era movida pela curiosidade de admirar o que a catedral apresentava de artístico, mas que ali se dirigia para seguir os preceitos católicos, pois encontrei bom número de pessoas ali orando, sobretudo moscovitas idosos, entre os quais sobressaíam os do sexo feminino, como aliás sucede em todos os países.

O templo, que me disseram ter sido fundado para comemorar a vitória que a Rússia obteve sobre as tropas de Napoleão, levou 42 anos a construir, tendo-se gasto nele a fabulosa soma de 15:000 milhões de rublos numa época em que o preço dos materiais era incomparavelmente mais baixo do que há 32 anos e em que os operários, que então trabalhavam 12 e 14 horas por dia, recebiam salários irrisórios.

É um templo de linhas suaves e muito amplo, tendo-me sido assegurado que dispõe de capacidade para conter 15:000 pessoas (1). Além de

(1) Nas festas da Páscoa realizadas no ano em que estive na Rússia foi tamanha a quantidade de gente que ocorreu à catedral — uma enorme parte atraída por um notá-

lindos mármore, dos melhores que a Rússia possui, ostenta outros, idos de Itália, sem excluir os de Carrara, apresentando na abóbada central, admiravelmente lançada, um belo *panneau* de afamado pintor russo. No altar-mor, que é um mimo de arte, existia «o trono da hóstia», todo em prata, e medindo cerca de um metro de comprimento por mais de meio metro de altura nas quatro faces, em que estão esculpidos, a cinzel, motivos religiosos de uma perfeição requintada. Ao fundo, pintado sobre bronze, um grande quadro de célebre pintor russo, representando a *Santa Ceia*. E dignos de apreciação são também vários quadros, de notável mérito artístico, distribuídos pelo templo, sobretudo uma *Cabeça de Cristo*, que é do melhor que Moscóvia possui em pintura.

Afirmaram-nos que o majestoso templo tem 100 metros de altura, mas esta informação afigurou-se-nos exagerada, a não se dar o caso de estar compreendida a cúpula central, enorme, de ouro maciço, que nos asseveraram pesar 250 quilos.

*

* *

A nossa derradeira visita — esta efectuada na companhia de uma dezena de delegados de países

vel barítono da Grande Ópera que se fez pagar por bom preço e cantou trechos selectos — que, por motivo da excessiva afluência, uma grade de metal maciço que separava a capela-mor do corpo do templo foi partida em vários pontos e torcida noutros pela multidão.

sul-americanos — foi à escola primária a que aludimos acima, escola que era dirigida por uma simpática professora, formada em pedagogia. Impressionou-nos agradavelmente essa senhora, não só pela maneira gentil como se pôs à disposição dos visitantes, explicando-lhes, num castelhano quase perfeito, o regime educativo adoptado na Rússia — que nos dispensamos de pormenorizar, porque a matéria tem sido tratada em volumes que correm impressos (1) —, mas também pela devoção com que desempenhava as funções que lhe estavam confiadas, uma das razões, seguramente, por que as crianças (dos dois sexos) a adoravam, conforme tive ocasião de verificar.

Encontrava-se a distinta professora — senhora jovem — rodeada de algumas colegas suas e bem assim de um numeroso grupo de educandos, e, depois de todos havermos tomado chá e bolos, proporcionou aos seus alunos um pequeno passeio recreativo, fazendo-os conduzir, alternadamente, em camioneta, a um parque que ficava no centro

(1) Inclusive o do extinto camarada e probo pedagogo César Porto — que foi nosso querido amigo e era pai da saudosa escritora Manuela Porto —, o qual, como delegado da extinta Associação dos Professores de Portugal, visitara, em 1926, a U. R. S. S., e acerca de cuja viagem publicou, além de um volume intitulado *Pedagogia Soviética*, um outro não menos curioso: *Como eu vi a Rússia*, independentemente duma série de conferências que fez na Escola-Oficina N.º 1 a-propósito do que observara. Digno de ser também compulsado é o livro do antigo ministro socialista francês e escritor Jules Moch: *U. R. S. S.*, publicado em português pela Editorial Edições Europa-América.

da cidade, onde se detinham por espaço de meia hora, tendo sido cada grupo de vinte educandos acompanhado por quatro dos delegados e bem assim por um intérprete, o qual tinha o encargo de reproduzir as perguntas que as crianças faziam aos acompanhantes, perguntas que, como é de calcular, foram numerosíssimas, incidindo especialmente sobre a vida dos menores nos países ocidentais. O objectivo da pequena excursão era o de, com tal convívio, levar os educandos a conhecerem os processos de ensino nos países que os delegados representavam e a compará-los com os adoptados na U. R. S. S. e bem assim o de suscitar sentimentos de fraternidade internacional.

Findos os pequenos passeios, tivemos o gosto de assistir, no ginásio da escola, a exercícios de acrobacia realizados pelos alunos, depois do que parte destes executaram danças ucranianas, e outro grupo exhibiu, a seguir, alguns dos mais lindos bailados russos, números a que imprimiram uma graça encantadora.

A simpática directora, secundada por parte dos alunos, pediu-nos que exhibissemos algumas danças portuguesas das mais características, pois não ignorava que, além do *Vira*, temos as *Maias*, as *Vareiras* e o *Fandango*. Mas não aquiescemos, sob a alegação de que as chamadas danças de ronda têm de ser acompanhadas de instrumentos típicos, como o cavaquinho, e não íamos prevenidos para o efeito... Ainda não esquecêramos a figura que fizéramos ao cantar o faduncho...

Foi uma tarde agradabilíssima aquela, não só por nos ter sido proporcionado ensejo de verificar a dedicação que a jovem professora votava ao exercício da sua alta missão educativa, mas também pela fraterna galantaria com que ela e as suas colegas acolheram os visitantes, independentemente do que observámos quanto aos processos racionais do ensino ali ministrado.

REGRESSO A PARIS

LARGANDO de Moscóvia ao cabo de dois meses, empreendemos a viagem de regresso a Paris na persuasão de que, dentro de poucos dias, teria, pelo que me dizia respeito, ensejo de procurar inteirar os confrades portugueses do que observara em terras russas, depois de, como é óbvio, pôr o meu Sindicato ao facto das decisões do Congresso e das reuniões federais em que participei.

Advertiram-nos, à partida, de que ao chegarmos à fronteira da Polónia nos arriscaríamos a ser molestados pelo fisco, como o haviam sido outros delegados operários de países ocidentais que tinham deixado Moscóvia antes de nós e aos quais foram apreendidos livros, apontamentos e pequenas lembranças.

Cuidámos, portanto, de procurar maneira de nos furtarmos a tal enxovalho, começando eu por envergar uma «camisa russa» que adquirira em Moscóvia, depois de tirar, é claro, a que trazia vestida, e pôr bem à vista um jogo de pequenas e graciosas caixas em madeira, feitas por camponeses, tendo, porém, o cuidado de colocar a bom recato alguns cadernos de apontamentos encheidos ao longo da minha permanência na Rússia.

Uma vez na fronteira polaca, foi a carruagem invadida pelos homens do fisco, que nos deram, porém, a impressão de não terem então embirrado com o terceto constituído pelos delegados portugueses, porquanto, ao contrário do que sucedera à ida, não esquadrinharam com a mesma minúcia as nossas malas.

Acabada a inspecção, prosseguiu o comboio a sua marcha com rumo a Varsóvia, cidade que ganhámos ao cabo de um bom número de horas. Desembarcámos apenas para tomar café e desemperrar as pernas, numas voltas pela gare, recolhendo a breve trecho à carruagem, uma das muitas que constituíam o *rápido*, que a potente locomotiva fez girar vertiginosamente, dia e noite, através do longo percurso que separa a capital da Polónia da da Alemanha.

Apeámo-nos, ao anoitecer do dia seguinte, em Berlim, onde nos deteríamos durante 48 horas, no decurso das quais procurámos ver o que de mais importante a grande cidade oferecia então aos visitantes. Dizemos «então» porque, dentro de poucos anos, uma boa parte da monumental urbe sofreria sérias devastações, do mesmo modo que sucedeu a Londres e a outras cidades, por motivo da guerra mundial.

*
* *
*

Instalados em hotel modesto, mas muito limpo, uma das nossas primeiras preocupações foi procurar restaurante onde pudéssemos saborear



*Junto de um monumento da Praça da República de Berlim:
Três dos cinco delegados ao Congresso do I. S. V.
Da esquerda para a direita:
o Autor, Bernardo Gonçalves Bandurra e Augusto Machado (falecido).*

comida própria para Latinos, pois não ignorávamos que, quanto a culinária, os Alemães não andavam muito afastados dos Eslavos, porquanto eram por igual frequentes, nas suas casas de comidas, as sopas de maçã e outros pratos rebarbativos para nós outros. Supondo que não nos seria difícil descobrir restaurante italiano, calcorreámos um bom número de ruas, até que lobrigando uma tabuleta que nos pareceu anunciar *menu* alatinado, penetrámos desembaraçadamente no estabelecimento. Mas grande foi a nossa decepção! A ementa era constituída, além da negregada sopa macieiresca, por pratos esquisitos para a nossa gula; como, porém, o apetite era sério, outro recurso não tivemos senão o de ingerir o que nos apresentaram.

No dia imediato, quando tomávamos o pequeno almoço, informou-nos o gerente do hotel, num arvesado francês, que podíamos dar, por espaço de três horas, uma interessante volta através da cidade, num autocarro confortável, com intérpretes que falavam cinco idiomas. Ante a nossa imediata aquiescência, ele mesmo nos vendeu os bilhetes e nos mandou indicar o local donde partia o autocarro, que ficava cerca.

Foi um passeio sobremaneira agradável, organizado com o método e a decência que os Alemães punham e continuam pondo em todas as suas iniciativas, tendo-nos sido proporcionado o ensejo de ver o melhor que a imponente cidade possuía de monumental e também os seus bairros mais pobres e arcaicos, que, todavia, nos deixaram

agradável impressão, sobretudo no que respeita a higiene, vindo a-propósito acrescentar que era tal o asseio das artérias da cidade que, fumando eu ao tempo, não me atrevia a lançar para o chão uma ponta de cigarro ou qualquer pau de fósforo.

E ao descermos do autocarro, uma vez terminado o passeio, não foi sem grande surpresa que vimos dirigir-se-nos um alentado súbdito alemão, o qual, falando-nos em castelhano, nos perguntou se havíamos achado *agradable la excursión*. Após a nossa resposta afirmativa, fez-nos uma segunda pergunta, que nos deixou simplesmente aturdidos: se desejávamos saborear uma chispalhada à portuguesa! A primeira impressão foi a de que o paroquiano nos estava desfrutando, mas depressa reconhecemos que falava sério.

É claro que não se tornou mister repetir a pergunta. Acompanhámos imediatamente aquele benemérito a um restaurante situado a pequena distância e do qual nos disse ser societário, ao mesmo tempo que desempenhava as funções de intérprete duma grande empresa turística. Pelo caminho foi-nos contando que tendo estado alguns meses em Espanha, passara por Lisboa e aqui saboreara o aludido petisco. Havendo-o achado excelente, introduziu-o no *menu* do seu estabelecimento.

Com a famosa chispalhada, bem regada com a afamada cerveja de Munique, desferrámo-nos do misantrópico jantar da véspera, tendo o terceto passado a tomar as outras refeições — aliás poucas, porque em breve tomávamos o comboio para Paris — naquele providencial restaurante.

*
* *

De novo na *Ville-Lumière*, em breve era posto ao corrente das notícias chegadas de Portugal durante a minha ausência, uma das quais notícias havia de ter funda repercussão na minha vida. Simplesmente isto: não podia regressar então a terras lusas, sob pena de ir parar à cadeia, o que sucederia pela nona vez, e sempre por razões idênticas: a de ser um inconformista impenitente (1).

(1) Há quem suponha (sobretudo certos homens de Ordem) que é por capricho, por birra, que estou e tenho estado na opposição, nanja em opposição arregimentada, há que ajuntar. As pessoas que me conhecem de perto sabem, porém, que isso é menos exacto, pois não sou criatura conflituosa por sistema, o que não quer dizer que quando me pisam os calos, não refile.

Pertenço ao número dos inconformistas por razões que seria longo enumerar numa nota desta natureza, pelo que, sem sair do âmbito essencial abrangido pela presente brochura, me limitarei a dizer que um dos motivos por que recalcitro, hoje como ontem, reside na circunstância de, exercendo uma profissão que sempre tenho procurado servir com probidade, ser forçado — para fugir a privações — a trabalhar na oficina e em casa, ao contrário do que me sucedeu, por exemplo, em terras de França, onde, levantando o salário corrente, ganhava o suficiente para fazer uma vida digna.

Ora, exactamente movido pelo propósito de diligenciar contribuir para que a minha situação económica, e a dos meus companheiros, melhore, é que tenho actuado nos agrupamentos sindicais que marcham sem muletas e também na imprensa operária. E como já não devo viver muito tempo, inconformista é natural que morra...

Por França me quedei, portanto, durante cinco anos, exercendo, primeiro, a profissão madre em duas tipografias e, depois, a que lhe anda conexas, isto é, a de corrector tipográfico, desta vez para a língua castelhana, numa livraria que editava obras destinadas às repúblicas sul-americanas (1).

Não pormenorizarei, porque já o fiz de algum modo no volume *Em Volta da Minha Profissão*.

Não devo, porém, encerrar este capítulo sem recordar o acolhimento gentil que me foi feito por vários Portugueses que então se encontravam em França, nomeadamente os meus camaradas Manuel Carneiro, José Marques da Costa e Perfeito de Carvalho, e os Srs. Drs. Jaime Cortesão, António Sérgio, José Domingues dos Santos, Jacinto Simões, Raul Proença e Júlio de Magalhães, e ainda por Maurin e por uma família de artistas italianos que vivera no Porto: a família

(1) Era gerente dessa livraria («Ediciones Europa-América») um dos mais inteligentes militantes revolucionários espanhóis com quem tenho contactado: Joaquín Maurin, que me asseveraram haver tido o mesmo fim que André Nine, quando do movimento nacionalista espanhol do ano de 1936. Depois de haver assistido, em Portugal, como representante da I. S. V., ao III Congresso Operário Nacional, realizado na Covilhã em 1922, permaneceu algum tempo na Rússia, tendo-se fixado em França, onde nos conhecemos pessoalmente, em 1928. Ao ser fundada a supra-mencionada Editorial, convidou-me para nela ocupar o lugar de revisor para a língua castelhana, lugar que desempenhei até ao encerramento daquela casa, mesmo depois de Maurin haver abandonado a gerência. Sucederam-lhe dois outros gerentes: o segundo, também espanhol e o terceiro, italiano.



Joaquín Maurin

Badessi, cujo chefe era pintor apreciável e que, com seus oito filhos (quatro senhoras e igual número de homens, sete deles profissionais fotográficos distintos, e um dos rapazes, o Luís, escultor de bom gosto) me receberam, na sua acolhedora casa de Créteil, com uma amizade que se mantém bem viva entre nós, e se tornou extensiva aos descendentes dessa plêiade admirável.



*As irmãs Aida e Italie Badessi, nos tempos
em que eram duas belas « Mademoiselles »*

POSFÁCIO

Ao encerrar esta brochura fico convicto de que dou, sem parti pris, e também sem exageros inadmissíveis numa pessoa que se preza de raciocinar pela própria cabeça, um relato o mais possível exacto duma parte do que observei, isto é, uma espécie de reportagem.

Devo esclarecer que a maioria dos elementos de informação que obtive na U.R.S.S. foram fornecidos aos delegados operários estrangeiros por intermédio de intérpretes, ou periboches, conforme se diz em linguagem russa, pois nenhum dos componentes das delegações com quem acamaradei falava ou compreendia o arrevezadíssimo idioma de Máximo Gorki.

Ora, segundo consegui apurar de boa fonte, os intérpretes que ladeavam as delegacias estrangeiras ao IV Congresso da I. S. V. estavam filiados no Partido Comunista, havendo-me sido assegurado, em Mos-

cóvia, por pessoas que tenho motivos para considerar imparciais, que essa era a condição primária para que, naquela qualidade, pudessem acompanhar os delegados, o que significa, portanto, que desempenhavam, junto de nós, o papel de representantes oficiais do supracitado Partido, pelo que não me repugna acreditar que, em algumas circunstâncias, não traduzissem com inteira fidelidade o que nos era exposto pelos interpelados, num idioma que desconhecíamos.

Por outro lado, é legítimo admitir que os operários russos, ao serem interrogados pelos seus camaradas estrangeiros nos estabelecimentos fabris visitados, estivessem naturalmente empenhados em não descrever com cores friamente reais os aspectos piores das condições de vida que tinham então, não só por temerem que uma rigorosa exposição pudesse esfriar o ardor revolucionário dos visitantes, mas também porque, se o

fizessem, incorreriam, possivelmente, no desagrado dos organismos que detinham e detêm o Poder, tanto mais que as suas palavras eram pronunciadas não apenas perante os delegados e o respectivo intérprete, mas igualmente em presença de elementos activos do Partido Comunista, como são, em geral, os principais componentes dos comités das fábricas e os directores destas, que, em regra, nos acompanhavam também quando das nossas visitas àqueles estabelecimentos.

Quero com isto dizer que, sem deixar de dar a devida importância aos informes colhidos nessa origem, não posso atribuir-lhes, todavia, pelas razões expostas, uma autenticidade absoluta. Se sustentasse o contrário, produziria, talvez, uma afirmação amável, mas não incontroversa.

Assim, uma conclusão se apura, consequentemente, do meu relato, e vem a ser a

de que, para se conhecer de modo conclusivo, isto é, na expressão real, autêntica, insofismável, a situação em que viviam e vivem os trabalhadores russos, o melhor meio de consegui-lo não consiste no episódico envio aos locais em que aqueles trabalham de quaisquer delegados de países estrangeiros, desde que vão nas circunstâncias em que ali se dirigem quase todos, ou seja, desconhecendo a língua russa, como era o nosso caso, e como é, em regra, o das outras delegacias operárias, pois sabe-se quão raríssimos são os militantes das organizações sindicais estrangeiras que conhecem o idioma, o que aliás os não deve desconsoar, visto que também os intelectuais burgueses das terras ocidentais o desconhecem.

*

* *

Evidentemente que isto não significa que os delegados operários, apesar dessa dificuldade — a maior com que esbarram —, não tenham maneira de colher de algum modo dados precisos acerca de uma ou outra particularidade, conforme eu consegui.

Todavia, sustento a opinião de que o meio mais seguro de se obter, sob esse aspecto, um conjunto de resultados apreciáveis, mas meio assaz difícil, demorado, quase de impossível realização para certas categorias de trabalhadores — a profissão a que pertenco, por exemplo, é uma das que esbarra, para o efeito, com dificuldades mais sérias —, o meio mais seguro, ia eu dizendo, consiste em passar pelos centros

industriais da Rússia dos Sovietes não como simples visitante, mas como profissional activo, isto é, exercendo o métier lado a lado dos companheiros de trabalho naquela República, confundido com eles, tendo a mesma existência de produtores e de consumidores, sujeito, enfim, a igual regime de vida. Para tanto, porém, seria necessário que permanecesse ali, pelo menos, durante dois anos⁽¹⁾. Que isso não é inexequível prova-o

⁽¹⁾ Quando, depois de ter regressado da Rússia, estive empregado, na qualidade de revisor tipográfico, na editorial a que me refiro noutra lugar, como se tivesse dado o caso de eu haver traduzido do francês para o português uma pequena brochura sobre Lénine, recebi convite, por intermédio do terceiro gerente daquela editorial, para ir trabalhar, como tradutor e revisor (para a língua portuguesa) numa livraria de Moscóvia. Fui forçado, mau grado meu, a declinar o tentador convite, em consequência de a minha primeira Mulher — que ao tempo vivia comigo em Paris e se achava já enferma — me ter convencido de que, se me acompanhasse, não resistiria ao áspero clima moscovitário.

o exemplo dado por alguns operários franceses e de outros países.

Porém, como só raríssimos militantes estarão em condições de efectuar semelhante experiência, o único recurso que resta às pessoas desapaixonadas que à Rússia se dirijam com o intuito de procurar conhecer a autêntica situação económica, política e social dos trabalhadores daquele vasto país é o de diligenciarem colher em todas as fontes, não exclusivamente nas oficiais, mas também e sobretudo nas officiosas, nas particulares — desde que da parte das últimas não haja espírito de facciosismo —, o maior número de elementos de informação que possam ser obtidos, elementos que, examinados atentamente, ponderados, confrontados, levarão à formação de um juízo que corresponda o mais possível à realidade.

Foi isto o que diligencieei realizar, dentro das minhas limitadas possibilidades.

*

*

*

Pelo relato que faço na presente brochura ficará uma parte dos leitores talvez com a convicção de que achei excelente tudo quanto observei. A verdade, porém, é que não sucedeu assim, como aliás ressalta de vários passos do que narro.

Uma das coisas, por exemplo, que reputei indefensável é a variedade de salários que se verificava há 32 anos na U. R. S. S., e que ainda subsiste. Aliás, se tivesse opinião oposta estaria em discordância com a acção que no próprio país em que vivo sempre exerci, particularmente no âmbito da organização profissional a que pertenco. Entendo, hoje como sempre, que a todos quantos desempenham uma função útil deve propor-

cionar-se-lhes remuneração que por igual os torne aptos a viverem dignamente, sob os aspectos económico e social.

Outra incongruência que anoto é a de ser mantido, volvidos mais de 40 anos sobre a Revolução Russa, o regime de censura prévia à Imprensa, regime que se assemelha ao que existe em alguns países de instituições burguesas (1). Que se exija de quem escreve

(1) Como do outro lado da barricada surgem, por vezes, opiniões que devem merecer a atenção dos espíritos livres, aprez-me reproduzir os seguintes trechos dum discurso pronunciado, em Dezembro de 1959, pelo presidente da República do Brasil, Dr. Kubitschek de Oliveira, num almoço que lhe ofereceu um grupo de jornalistas:

... «Já nos habituámos uns aos outros aqui. Não importa a orientação do jornal a que emprestais a vossa colaboração profissional, nem o julgamento que tiverdes sobre o meu governo. A verdade que se evidencia, com esta reunião de hoje, é que o Presidente da República sempre encarou com tolerância, com serenidade, com apreço, a colaboração da Imprensa com o Governo. Sei que há perigo nos excessos, nas injustiças, na desfiguração facelosa de alguns jornais, capazes, com a sua situação, de

a responsabilidade do que afirma, é perfeitamente legítimo, pelo que considero inteiramente defensável o critério dos que sustentam que os tribunais devem exigir severas contas a quem difame, o que, pela parte que me diz respeito, nada me perturba, visto nunca ter fugido à responsabilidade do que tenho escrito, e na mesma posição me conservar ainda hoje.

gerar equívocos graves; mas sei que todo o mal que a Imprensa mais encarniçadamente decidida a combater actos do poder público pode ocasionar não se compara, nem de longe, com os terríveis perigos que representa a falta de liberdade, o silêncio forçado, o elogio mecânico e a indiferença em face dos erros cometidos. Uma Imprensa submetida pela força, vencida pela prepotência liberticida, constitui um agravamento importante à solidão dos governos.

O Poder — qualquer que ele seja — como que isola os seus eleitos, não raro os desumaniza, faz-lhes perder a noção do efémero e ao mesmo tempo infunde no homem uma confiança exagerada nos seus próprios julgamentos, no acerto dos seus actos. O papel da Imprensa livre consiste em lembrar a quem tem a responsabilidade da direcção da coisa pública que não está isento de cometer erros, ao contrário a eles está mais exposto; não deixou de ser cria-

Para terminar direi que não sou tão puritano que não compreenda que, enquanto as actuais instituições políticas se não estabilizaram na U. R. S. S., fossem os seus orientadores forçados a recorrer àquele sistema coercitivo. Mas adoptá-lo como norma num país cujos governantes afirmam querer contribuir para a libertação dos povos é estabelecer uma paridade desconcertante

tura sujeita a toda a sorte de enganões, o primeiro dos quais é a deformação da realidade, do valor que se atribui. Quanto mais cresce o poder nas mãos do homem, mais, por uma inclinação natural, é ele levado a valorizar-se, a reputar-se infalível, a não hesitar em considerar-se sempre certo, qual a encarnação da verdade. A Imprensa livre age como o instinto do homem do Governo, mantendo presente no seu espírito a sua publicidade, os seus erros, as suas illusões. Instinto equivale, etimologicamente, a agulhão, o que fere. Neste sentido a Imprensa serve de instinto do Governo. Previne-o — adverte-o, amortece a presunção, contrabalança a supervalorização, mesmo com os seus exaggeros contrários. Naturalmente, não é instinto o que fere de tal forma e tão fundamentalmente, que mata, em lugar de prevenir e defender. Não raro, experimentei rancores,

com regimes políticos que se digladiam. Mais: é, quanto a mim, um mau exemplo, exemplo dobradamente condenável por partir da U. R. S. S.

Pelas razões expostas, e por outras que, por motivos óbvios, me abstenho de expor

desmandos, destemperos, injustiças inomináveis. Mas tive paciência em suportar tudo isto — primeiro porque sei que ninguém governa um país como este, com interesses tão contraditórios, sem conhecer amarguras; segundo, porque não me faltou, diante das maiores revoltas, que a atitude de alguns jornais deveria provocar em mim, a ideia dos perigos reais, das trevas que me cercariam e ao meu Governo se me faltasse o «instinto» da Imprensa livre, se eu não dispusesse das informações, dos julgamentos, das campanhas dos jornais, mesmo os que me são mais adversos.

Agradeço esta homenagem e também o muito que fizeram por mim todos os componentes da Imprensa livre do meu país. Com as advertências e avisos que me foram feitos até hoje, lucrei muito porque tive a humildade de utilizar-me de tudo para corrigir erros e desfazer enganos; quanto às grandes campanhas deformadoras, nada perderel, porque, se o poder da Imprensa é grande, maior é o poder da verdade, maior é a força da justiça.»

nesta brochura, embora reconhecendo o que se tem feito de progressivo na U. R. S. S., continuo sendo um soldado do Sindicalismo.

ALEXANDRE VIEIRA

ÍNDICE

	PÁG.
JUSTIFICAÇÃO DA PRESENTE BROCHURA	7
I — De Lisboa a Paris	14
II — Primeiros contactos com a «Ville-Lumière» .	19
III — De Paris a Moscóvia	27
IV — Impressões iniciais da capital da Rússia . .	39
V — O IV Congresso da Internacional Sindical Vermelha	51
VI — Conferência Latino-Americana — Colóquio das Federações de Indústria — Informe sobre a Tipografia em Portugal	61
VII — Viagem à Ucrânia	73
VIII — De volta à capital da Rússia	85
IX — Três visitas interessantes	91
X — O Primeiro de Maio em Moscóvia	97
XI — Últimas visitas	107
XII — Regresso a Paris	115
POSFÁCIO	123

INDEX

REVIU AS PROVAS TIPOGRÁFICAS DA PRESENTE BROCHURA O VELHO COLEGA E AMIGO **BRAMÃO DE ALMEIDA**, QUE NÃO É APENAS UM DOS PRIMEIROS POETAS DA GREI PROFESSIONAL DO AUTOR, MAS TAMBÉM UM CORRECTOR QUE ANDA DE BRAÇO DADO COM A CIÊNCIA GRAMATICAL

COMPOSTO E IMPRESSO
NA TIP. J. R. GONÇALVES, L.^{DA},
R. PORTA DO SOL, 30-PORTO